

**PAULO, JESUS E OS MARGINALIZADOS:
LEITURA CONFLITUAL DO NOVO TESTAMENTO**

JOEL ANTONIO FERREIRA

DEDICATÓRIA

Às

Marcela Sílvia

Ester Viena

Sofia Nunes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Pág.
I PARTE: OLHANDO COM A SOCIOLOGIA	

1.1 – TEMPOS DE MARASMO: NADA SE MUDA

1.1.1 – Os inícios da Sociologia

1.1.2 – Teocentrismo

1.1.3 – Submissão/conformismo

1.1.4 – Tradição

1.1.5 – Autoridade

1.2 – TEMPOS DE ESPANTO: AS GRANDES REVIRAVOLTAS

(Séc. XVI-XVIII)

1.2.1 – Ascensão da Burguesia e organizações camponesas

1.2.2 - Antropomorfismo e razão

1.2.3 – Iluminismo

1.2.4 – Autonomia das ciências

1.2.5 – A revolução industrial

1.3 – OS TEMPOS DE MUDANÇAS SE ACELERAM: NASCE A SOCIOLOGIA

1.3.1 – O Organicismo Positivista

1.3.2 – A corrente funcionalista (sociologia da ordem)

1.3.3 – A corrente socialista

1.4 – TEMPOS DE TRANSFORMAÇÕES: Teoria dos Conflitos

1.4.1 – A teoria sociológica dos conflitos e a leitura da Bíblia

1.4.2 – A leitura conflitual e a questão hermenêutica

1.4.3 – Teoria conflitual

1.4.4 – Método conflitual

1.4.4.1 – Técnicas sociológicas conflituais

II PARTE: EXERCÍCIOS DA LEITURA SOCIOLÓGICA DO NOVO TESTAMENTO PELO MODELO CONFLITUAL

2.1 – PAULO APÓSTOLO

2.1.1 – Sociologia conflitual da comunidade de Tessalônica

2.1.2 – Gálatas: os conflitos nas crises de Jerusalém e Antioquia.....

2.1.3 – Filemon: o Evangelho liberta, apesar do Império

2.1.4 – Filipenses: libertação dos pobres e o Paulo tão humano!

2.1.5 – 1 Coríntios e a questão da corporeidade: busca de uma ideologia libertadora

2.2 – EVANGELHOS

2.2.1 – Marcos (7,24-30): abertura étnica e de gênero

2.2.2 – Lucas (22, 24-27; 23,2-7.13-24): a contradição entre o ambiente da ceia/serviço e o poder romano (Pilatos)

2.2.3 – Mateus (1,1-17): Por que Tamar, Raab, Rute, Betzabéia e Maria? Não eram mulheres? Não eram “anormais”?	
2.2.4 – João (2,13-22): o Templo se torna um antro	
2.3 – APOCALIPSE	
CONCLUSÃO	

INTRODUÇÃO: A LEITURA SOCIOLÓGICA DO NOVO TESTAMENTO COM ACENTO NO MODELO CONFLITUAL DETECTA A OPÇÃO PELOS EXCLUIDOS

A distância entre os textos da Bíblia e nós, os leitores, é imensa. O grande sonho do(a) leitor(a) e do(a) intérprete é se aproximar, o mais que puder, da época em que o texto foi escrito. No entanto, sabem que gostariam, porém, nunca absorverão o sentido total do texto escrito.

Na história, sempre existiram vários sistemas de interpretação da Bíblia. Paulo tinham o seu modo de interpretar o Antigo Testamento. Os evangelistas também tinham os seus e, muitas vezes, um não coincidia com o outro nas interpretações. Tomás de Aquino tinha o seu jeito. Lutero o seu. Ultimamente (séc. XIX-XXI), os estudantes de teologia e os biblistas

usufruíram dos Métodos histórico-críticos¹. Cada época privilegia um tipo de interpretação da Bíblia. Geralmente, quem interpreta está inserido em determinados momentos históricos, dentro de um contexto onde se encontram cristãos e cristãs envolvidos em determinadas comunidades. Estas também estão entranhadas em ambientes mais amplos, desde a situação do seu grupo até o sistema de um modo de produção que determina a vida de todo um país, continente etc. Como são os intérpretes?

Sempre existiram os intérpretes “ingênuos”, pessoas de boa intenção, porém, que pensam que para ler a Palavra precisam se esvaziar do aprofundamento e da consciência crítica.

Existem, também, os intérpretes “fundamentalistas” que lêem o texto bíblico, literalmente, em todos os seus detalhes. Rejeitam qualquer outro sistema de interpretação e impedem o diálogo com uma concepção mais ampla entre as ciências e a ciência bíblica. Esta visão não-crítica pode levar a ideologias reacionárias em níveis políticos e sociais bem como confirmar preconceitos antievangélicos como o racismo, o machismo e o sectarismo religioso-cultural.

Encontramos, por vezes, o leitor “espiritualista” que se preocupa com o seu intimismo pessoal, evitando qualquer compromisso comunitário ou social.

Tantas vezes, deparamo-nos com o intérprete “funcionalista”, ou seja, aquele que lê a Bíblia e a atualiza, achando que não se podem mexer nas estruturas sociais, econômicas, políticas, ideológicas, mesmo se estão desequilibradas e injustas. Lêem a Escritura para manter a ordem estabelecida. O funcionalista, normalmente, lê a Palavra a partir da ótica dos que estão no poder. Acredita, piamente, que se pode melhorar o mundo levando a Palavra aos detentores do poder. E, com isso, esquece-se dos pequenos.

Deparamo-nos, em algumas circunstâncias, com o intérprete “concordista”, aquele que vê os tempos da Bíblia “iguazinhos aos dias de hoje”. É um leitor esforçado. Tenta aplicar a Palavra na vida. Só que de um modo anacrônico. Por exemplo, as resistências permanentes dos cristãos perseguidos do Apocalipse pela repressão do Imperador Domiciano, não são iguais às de hoje. São tempos e locais diferentes, políticas diversas, experiências que não coincidem. Se não são iguais, no entanto, tem analogias.

As analogias são importantes para o leitor ou o intérprete. Quer dizer, entre fatos diferentes e épocas e contextos diversos existem pontos de semelhanças narrados na Bíblia com experiências de hoje. Apontemos, pelo menos, duas analogias:

Uma primeira analogia que nos chama a atenção é que na Bíblia, do início ao fim, percebemos profundas desigualdades. Há, sempre, a denúncia ou a constatação de que um pequeno grupo explora outros. Por exemplo, o Egito antigo e as Cidades-Estados exploraram os

¹ Comblin, J. *Introdução Geral ao Comentário Bíblico*. Leitura da Bíblia na perspectiva dos Pobres. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 11-12.

hapiro (hebreus) e os povos em torno daquela região. A Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma exploraram os povos do seu respectivo tempo e se constituíram grandes Impérios. Ou mesmo, dentro da Monarquia Israelita ou Judaica, vemos sempre denúncias contra a opressão em cima dos pobres e humildes. Então, estas analogias nos são conhecidas hoje. O leitor saberá que não são fatos “iguais” a hoje, mas tem as semelhanças e os apelos.

Uma outra analogia é a opção de Deus pelos pequenos e pelos pobres: entretanto, apesar de muitos “redatores finais” estarem ligados a alguma instituição, a Bíblia vai apresentando Deus tomando partido dos pequenos. Esta analogia é muito significativa para compreendermos as situações bíblicas confrontadas com as nossas hoje. Entre as nações e gentes, quem tem entendido, a partir da Bíblia, a força da ação comunitária são os cristãos pobres de comunidades populares. Têm compreendido a força histórica da Bíblia e, por isso, a sua especificidade social. De fato, tem havido uma aproximação interessante entre os pobres (operários/as, camponeses/as, empregados em geral, mulheres pobres, negros/as, indígenas) e a Bíblia. Com analogias que não podem ser desprezadas, estes grupos, a partir do seu “lugar social”, conseguem enxergar os da “margem” na Bíblia. Os que estão na periferia veem e tem empatia para com os que estavam na periferia bíblica. O lugar social e a fé os aproximam.

Avancemos um pouco! Embora a Bíblia (hebraica e cristã) não seja um livro de ciência histórica, é um documento de história que reflete a história hebraica até os cristianismos originários. Aí vemos a “prática” de tantas experiências humanas como o agir de Deus que intervém na história e no mundo, animando as comunidades. Os textos bíblicos foram expressão da experiência humana em comunhão com Deus. Foram também o alimento e o dinamismo de um determinado povo (hebreus/israelitas e, depois, os cristãos). A história do povo hebreu, de Jesus e seus seguidores é uma *práxis*.

Onde é que entra o leitor da Bíblia que a interpretará a partir da leitura sociológica pela teoria (modelo) conflitual?

Esta interpretação será uma ajuda para entendermos a dinamicidade dessa história, em especial, do Novo Testamento (objeto dessas reflexões).

Vamos lembrar que aqui na América Latina nos anos 1980 houve uma interessante experiência de leitura sociológica da Bíblia. Só que muitos intérpretes o faziam sem perceber que estavam conceituando equivocadamente e genericamente a palavra “sociologia”. Ora, a sociologia nasceu como uma ciência conservadora e, até hoje, alguns ramos dela continuam a sê-lo e, por vezes, torna-se até reacionária. Vamos entender! Além da burguesia, o pensamento revolucionário emergente se chamava *iluminismo*. Houve, no embate com o sistema feudal, tempos antes, uma aproximação entre a burguesia (avançada) e o iluminismo. Os interesses deste dois grupos eram revolucionários. Após a Revolução Francesa (1789), esta parceria foi enterrada. A burguesia, ao tomar o poder, tornou-se classe dominante, deixando de ser revolucionária. Ao contrário, tornou-se conservadora. Em tempos revolucionários, ela tinha

mobilizado as massas, em especial, os trabalhadores pobres da cidade. No poder, meses depois, proibiu a existência das organizações trabalhadoras. Diante disto, os filósofos “iluministas”, que queriam avançar no processo das transformações sociais, romperam com a burguesia. A lacuna deixada pelos iluministas foi preenchida pelos intelectuais positivistas tendo à frente, Saint-Simon e Augusto Comte.

Por que o termo “positivista”? Porque eles viam os “iluministas” como intelectuais “negativistas”, perigosos para a paz social. Então, a primeira corrente sociológica que surgiu foi a sociologia do “organicismo positivista”. Esta linha afirmava a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com as posições políticas, os valores morais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo. Esse conjunto de elementos ideológicos, ao ver da sociologia positivista, deve ser eliminado da ciência social. São prejuízos, preconceitos ou noções.

Tivemos em seguida, a corrente sociológica “funcionalista” (sociologia da ordem). Este modelo sociológico tem como referência, entre outros, Emile Durkheim (1858-1917). Também para ele, a questão da ordem social será uma preocupação constante. Ele recebeu influência do Positivismo, do Organicismo e do Evolucionismo de Darwin. Durkheim elaborou sua obra em tempos de constantes crises econômicas e sociais, mas também, período de grandes progressos tecnológicos. Ele, ao contrário da visão socialista (que já ocupava espaço), achava que a raiz dos problemas estava na fragilidade da formação moral da época. Inexistindo um novo e eficiente conjunto de idéias morais, dificultava o “bom funcionamento” da sociedade. Aí a sociedade industrial mergulhava em um estado de *anomia* (experimentava uma ausência de regras estabelecidas), por isso, encontrava-se totalmente doente. O Funcionalismo privilegia o lado institucional da sociedade. Ele vê a sociedade na perspectiva das instituições, praticamente reduz o social ao institucional.

Surgiram outras correntes sociológicas como o “Behaviorismo Social”, onde um ramo se caracterizou como Teoria da Ação Social (Max Weber). Weber exerceu grande influência sobre muitos sociólogos com seu método de “construção de tipos sociais”, instrumento de análise para estudo de situações e acontecimentos históricos concretos; e o “Formalismo” que definiu a sociologia como estudo das formas sociais. Legou à Sociologia um estudo detalhado sobre os acontecimentos sociais.

Porém, a corrente que nos auxiliará na compreensão da nossa busca, é a sociologia “socialista”. A leitura sociológica, por esta corrente (Marx e Engels), é uma crítica, em todos os níveis, aos modelos positivista e funcionalista que sustentam, teoricamente, a ordem estabelecida. A sociologia tornar-se-á uma reflexão crítica da própria sociologia e da realidade. Também ela precisará participar na busca transformadora da sociedade. É a luta destes contrários que provoca o movimento. A divisão do trabalho na sociedade expressa as relações de exploração e contradição. Há uma impossibilidade absoluta de solidariedade entre a

burguesia e o proletariado. Os trabalhadores, explorados economicamente, estavam, naquele tempo, excluídos e expropriados dos meios de produção. De fato, Marx e Engels acompanhando as pesquisas que mostravam que a natureza era dinâmica, perceberam que no nível social, a partir dos conflitos de classes, havia também uma ininterrupta transformação: os conflitos moviam a história que era acelerada pelas contradições e a luta entre as classes sociais.

A corrente socialista criou uma história interessante. Além da compreensão da importância dos fatores econômicos para se entender a vida social, o socialismo amadureceu um tópico vital: “a vocação crítica”. Com esta perspectiva crítica, auxiliou na compreensão da sociedade capitalista como um sistema de dominação e ajudou a compreender os processos históricos que visam alterar a ordem existente. Foram fundamentais nesta abordagem Lukács, como o grupo de Adorno do Instituto de Pesquisa social de Frankfurt.

O socialismo também amadureceu a investigação do papel das “Ideologias” na manutenção da dominação capitalista. Entre outros, Gramsci e Bourdieu contribuíram para a compreensão de como se processa o domínio intelectual da burguesia sobre as demais classes sociais.

Quem tem dado uma interessante contribuição, dentro da ótica socialista, são os sociólogos da margem, ou seja, os cientistas sociais dos países pobres: questionadores da dominação imperialista a que seus povos estão submetidos e inconformados com os rumos da sociologia a serviço do poder. Cito, como referência, os brasileiros Florestan Fernandes e Octavio Ianni.

A expressão “Teoria (modelo) dos Conflitos” refere-se a um enfoque sociológico cuja ênfase se encontra nos conflitos sociais e não nos processos de integração e harmonia. O funcionalismo não ignora os processos conflituais, porém, o que lhe interessa é a resolução destes, através de fenômenos de adaptação e negociação. A teoria (modelo) conflitual, dentro da leitura sociológica, é a que nos interessa mais porque ela apresenta alguns recursos específicos em níveis hermenêutico e epistemológico.

Esta teoria, que é uma dimensão da sociologia, procura detectar o surgimento de classes sociais, o relacionamento global entre as pessoas ou grupos envolvidos num determinado modo de produção econômica e, a partir daí, analisa as contradições, tensões e conflitos que se manifestam diante das explorações de um grupo pelo outro.

Esta leitura olha a sociedade como estrutura em tensão.

Perguntamos, há pouco, onde é que entra o leitor(a) da Bíblia que a interpretará a partir da leitura sociológica pela teoria (modelo) conflitual?

Ao lermos a Bíblia, iremos, naturalmente, ao texto. Por esta teoria, iremos ver, através do texto, o dinamismo da sociedade e da vida do povo que está por trás dele. O texto é olhado dentro do conjunto do dinamismo da sociedade em todas as dimensões. O texto bíblico procura

ser compreendido a partir das várias dimensões que constituem o dinamismo da vida social: econômico, social, político, cultural, militar, jurídico, ideológico e, ai dentro, o religioso.

Porém, ainda se pode, assim, fazer leitura sociológica por qualquer teoria (modelo). O intérprete da Bíblia pode fazer uma leitura sociológica a serviço de um sistema injusto, como pode fazê-la na defesa da justiça.

A leitura conflitual “implica” o(a) leitor(a).

Então, o intérprete precisa ficar atento, numa atitude de “suspeita”. Por que? Muitas vezes, o redator narra um fato a partir da ótica de quem pertence a uma estrutura dominadora. A abordagem sócioanalítica ajuda a resgatar as pessoas, os grupos sociais que manipularam e intervieram ideologicamente a serviço de um sistema dominador e os grupos sociais ou pessoas que foram, literalmente, oprimidas por aqueles. A partir da (des)construção, é possível criar um processo de reconstrução histórica dos papéis e relações sociais que estão por trás dos relatos e narrativas. Por exemplo, o livro de Esdras tem um narrador a serviço do poder de Jerusalém. Porém, com atenção, quem está lendo vai reconstruir a outra história partindo dos estrangeiros humilhados, das mulheres oprimidas, dos expulsos de Israel, dos operários que reconstruíram a cidade e os muros e não aparecem etc, para entender, por trás das palavras, o grito dos injustiçados. O narrador, conscientemente ou não, tantas vezes, deixa o “por traz das palavras”, o subentendido, ali no fundo de uma linha. Quem está lendo, precisa encontrá-lo. Para que? Para ver o outro lado da narrativa que não está claro. Aí, o intérprete poderá ter uma visão de conjunto para perceber e interrogar: de que lado Deus está? Ou de que lado eu/nós leitor(es/as) estamos?

Narrativas eram contadas pelo povo, de pai para filho, de avô para neto. Porém, as “redações finais” foram, na maioria das vezes, escritas pelos grupos ligados ao domínio de Jerusalém ou outro centro de poder. Estas redações finais entraram para o “cânion” da Bíblia. A “leitura sociológica crítica da Bíblia, pelo modelo conflitual”, ajuda a (re)-construir memórias de quem estava lá em baixo, que foram supressos por vozes ideológicas responsáveis pela manipulação e reestruturação das narrativas. Então, o leitor ou leitora (intérprete) do texto bíblico precisa ficar de sobreaviso e perguntar se a narrativa está sendo favorável a uma classe ou a uma ideologia dominante: é uma atitude de “desconfiança”, de “suspeita”. A abordagem sociológico-conflitual ajuda a adquirir este espírito crítico para se descobrir pessoas da periferia, grupos da margem que são frutos do ambiente social dos eliminados da sociedade e abandonados.

Portanto, clareemos esta reflexão: no passado, tantas vezes, os intérpretes da Bíblia privilegiavam os fatos contados a partir da posição do narrador ou redator final do texto bíblico. Ora, o redator final, em inúmeras vezes, estava alinhado com as autoridades. Isso trazia problemas, porque pessoas ou grupos marginalizados não eram contemplados nas narrativas bíblicas. Claro que isso se deu em alguns livros bíblicos. O texto de Esdras, por exemplo. A

leitura sociológica pela teoria (modelo) conflitual, numa incessante postura crítica, ajuda a reconstruir memórias dos que estavam na base da pirâmide econômico-social (pobres, miseráveis, estrangeiros, mulheres, escravos). Estes, muitas vezes, foram esquecidos pelos redatores finais que, por vezes, estavam a serviço dos manipuladores da estrutura. Os leitores bíblicos, por este modelo, treinam o espírito crítico. Aprendem a resgatar as pessoas e os grupos sociais que foram manipulados, esquecidos, oprimidos e que, às vezes, aparecem numa entrelinha. Denunciam a voz dos dominadores. Os grupos e personagens da “margem” (periferia) são recuperados e isso dá força às pessoas e grupos da margem de hoje que lêem a Bíblia a partir do “lugar social” dos esquecidos, agora pessoas e grupos primordiais.

Do começo ao fim da Bíblia vemos Deus sendo apresentado, sempre, tomando partido dos pequenos. O intérprete da Bíblia, a partir da leitura sociológica pelo modelo (teoria) conflitual, precisa debruçar-se sobre o “lugar social” dos que estão à margem na literatura bíblica. Vão, então, interiorizando que Yahweh é o Deus que se inclina, preferencialmente, pelos pobres.

A leitura conflitual proporciona-nos também a compreensão dos apelos da Bíblia e sua atualização para nós, hoje. O Deus Vivo intervém e age na história. A Bíblia foi escrita para questionar e influenciar a todas as nações. Ela é uma proposta viva do agir social, chamando, sempre, à transformação social. Os textos bíblicos de ontem são atualizados no hoje. Quem tem compreendido os apelos da Bíblia são os cristãos pobres das comunidades populares de continentes pobres. Por isso, é que tem havido uma aproximação interessante entre os pobres de hoje e a Bíblia. Os que estão na margem conseguem ver, de súbito, os que estavam à margem nas narrativas bíblicas. O lugar social e a fé aproximam as pessoas de hoje com as da Bíblia.

Esta leitura, como dissemos, implica o(a) leitor(a) num processo de conversão: não se lê a Bíblia a partir dos dominantes. Portanto, ajuda a captar como era a compreensão da Palavra de Deus no meio de tantas contradições e perceber como as comunidades, preferencialmente, as pobres, adquiriam força para apresentar o projeto do Deus Vivo. Então, há aí uma semelhança com os nossos dias. Vamos frisar: o intérprete precisa debruçar-se sobre o “lugar social” dos que estão à margem na literatura bíblica e confrontar com o “lugar social” das pessoas e grupos que, hoje, estão também à margem da tão decantada sociedade globalizada neoliberal pósmoderna.

Faremos, na I Parte, uma descrição histórica que culminou no surgimento da sociologia como ciência. Esta surgiu como uma ciência conservadora. Olharemos os diversos segmentos da sociologia até chegarmos no enfoque sociológico pela teoria (modelo) conflitual. Olharemos esta perspectiva defronte a Bíblia e sua contribuição hermenêutica.

Na II Parte, faremos alguns exercícios da Leitura Sociológica do Novo Testamento pela Teoria (modelo) Conflitual. Veremos alguns textos tirados de **Paulo** (1 Tessalonicenses,

Gálatas, Filemon, Filipenses e 1 Coríntios), **Marcos, Mateus, Lucas, João** e, por fim, do **Apocalipse**.

O intérprete tem toda a liberdade. Este tipo de leitura não tem amarras, nem peias e nem normas pré-estabelecidas. Às vezes, são necessárias as ajudas do Método Histórico-Crítico, por vezes, da abordagem Crítico-Literária. O critério é, a partir da fé e da experiência comunitária, procurar ler o texto bíblico (se for possível, no original) com o cabedal da Sociologia Conflitual, tentando descobrir o “lugar social” dos pobres e marginalizados e, com consciência crítica, perceber os apelos de conversão e transformação em todos os níveis.

I PARTE: OLHANDO COM A SOCIOLOGIA

1.1 - TEMPOS DE MARASMO: NADA SE MUDA

1.1.1 - Os inícios da sociologia

A Sociologia é o resultado de uma tentativa de compreensão de situações sociais radicalmente novas², criadas pela então nascente sociedade capitalista (Séc. XVIII com a dupla revolução: industrial e francesa). É uma das manifestações do pensamento moderno³. Para compreendermos as ciências sociológicas, precisamos do auxílio de outras ciências sociais como a Antropologia, a Política e Economia e, principalmente, da História, ciências que nos darão uma visão clara das contradições sociais e históricas da sociedade, em particular, do Ocidente. A Sociologia, cujo termo foi usado pela primeira vez por Augusto Comte em 1839, precisa ser entendida juntamente com a história da Idade Média (séc. V-XV), tempo em que o modo de produção era ditado pelo feudalismo⁴. Portanto, o seu surgimento ocorreu num contexto histórico específico, que coincidiu com os diferentes processos na Europa (Inglaterra,

² GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Lisboa: Editorial Presença, 1972; ARON, Raymond. *Lês étapes de la pensée sociologique*. Paris: Ed. Gallimard, 1967; NISBET, Robert. *La Formación Del pensamiento sociológico*. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1969; FERNANDES, Florestan. *A Natureza Sociológica da Sociologia*. S. Paulo: Ed. Ática, 1980.

³ MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 64ª ed. 2006, p. 10-14.

⁴ A Idade Média, período de lentas mudanças econômicas e políticas, vai da *queda do Império Romano* do Ocidente em 476 d.C. (o último Imperador foi Rômulo Augústulo) até o período histórico determinado pela *afirmação do capitalismo sobre o modo de produção feudal, o florescimento da cultura renascentista e os grandes descobrimentos*. A Idade Média divide-se em duas etapas: a Alta Idade Média, que vai da formação dos reinos germânicos, a partir do século V, até a consolidação do feudalismo, entre os séculos IX e XII; e a Baixa Idade Média, que vai até o século XV, caracterizada pelo crescimento das cidades, a expansão territorial e o florescimento do comércio.

França, Alemanha, Itália etc) de desagregação da sociedade feudal e da consolidação da civilização capitalista.

Os primeiros esforços sistemáticos de delimitação do objeto de estudo e estratégias metodológicas para a produção de um conhecimento mais fiel à realidade social surgiram no século XIX. As grandes transformações econômicas, sócio-culturais e políticas, colocadas em cena com a revolução industrial, emularam pensadores, tanto da Europa como dos Estados Unidos, a debruçarem-se sobre os problemas sociais que emergiram nesse contexto, com o intento de, não somente entendê-los, como também indicar soluções. Foi em território francês, onde as tradições positivistas encontraram um terreno fértil, que apareceram, com mais evidência, as preocupações em elaborar um conhecimento científico da realidade social.

O nascimento da sociologia se deu na França. A partir de 1880⁵ surge a Terceira República. É importante, portanto, entender o conteúdo da ideologia da república francesa dessa época, isto é, as idéias e valores compartilhados pela geração que acompanhou esse importante evento político.

A República veio acompanhada de um programa de reformas da sociedade, do conhecimento científico da mesma e do descobrimento de leis consideradas donas do destino das sociedades. Esse momento coincidiu também com a generalização do uso de estatísticas nas ciências humanas, o que influenciará importantes trabalhos de sociólogos dessa época.

A crise que experimentou a Terceira República a partir de 1885 – crise econômica, fortalecimento do socialismo no plano interior e as dificuldades com as colônias no plano exterior – impulsionou o governo a buscar um certo “solidarismo”, ou seja, a uma ideologia da solidariedade. Nesse contexto, Durkheim, com sua obra “Divisão Social do Trabalho”, tornou-se a grande referência científica.

Para compreender melhor as bases sobre as quais se constituiu o pensamento sociológico, faremos uma pequena digressão na época feudal.

Falar em Idade Média e feudalismo é pensar em quatro pontos vitais: *teocentrismo*, *submissão/conformismo*, *tradição e autoridade*⁶.

1.1.2 –Teocentrismo

Esta ideologia era o hálito que oxigenava o longo período do *feudalismo*. Significa que a sociedade respirava os ares sagrados, divinos, porque tudo estava na esfera do religioso. Quem se definia como detentora do divino era a Igreja presente em todos os segmentos da sociedade.

⁵ As grandes obras de Durkheim surgem a partir daqui.

⁶ Não é este o lugar para se refletir sobre todos os acontecimentos significativos da Idade Média, porém, é preciso chamar a atenção para três momentos fortes desses tempos: a) a presença dos *árabes* na Península Ibérica até quase o fim do século XV. Eles contribuíram para o desenvolvimento das artes e da ciência na Europa. Nesta península tivemos, por um bom tempo, uma interessante convivência entre muçulmanos, judeus e cristãos; b) de 1095 até o início do século XIII a força política, ideológica e militar das *Cruzadas* com sangrentos conflitos bélicos; c) A partir de 1231, a vergonhosa criação da *Inquisição*.

Para se chegar a Deus, a Igreja frisava, era preciso pertencer a ela⁷. Era a intérprete e intermediária dos ensinamentos divinos. Não tinha concorrente. Tornou-se poderosa em todos os níveis. Preservou a Idade Média defendendo sempre a manutenção da ordem.

1.1.3 – Submissão/conformismo

Ela usou duas visões ideológicas para defender os interesses do mundo feudal: a submissão e o conformismo. Olhando na perspectiva dos dominados, submissão e conformismo caracterizam as relações sociais no feudalismo.

a) Para compreendermos a força do conceito “submissão” é preciso entender como a Igreja, em nível ideológico, fortificou a idéia de poder na Idade Média. Ela usou a estratégia de que “todo poder vem de Deus”. Ora, o poder, política, militar e economicamente falando, passava pela posse da terra. Quem eram os proprietários? Os senhores feudais. Pela visão divina de poder, estes senhores se autodefiniam como proprietários dos servos e daí, detentores também da justiça. Quer dizer que as questões conflitivas entre senhor/servo eram resolvidas, tranqüilamente, pelos senhores feudais. Tornavam-se juizes na defesa dos próprios interesses. A Igreja (instituição) confirmava este poder aos senhores e exigia dos servos o espírito de submissão. Ninguém podia questionar ou revoltar-se contra os senhores porque a revolta seria contra o próprio Deus.

No entanto, precisamos apresentar uma informação importante, principalmente, no período que se convencionou chamar de “Baixa Idade Média”. A partir de 1302 (séculos XIV e XV), com a vitória dos artesãos de Flandres, na Bélgica, começam a surgir uma série de movimentos populares, que serão a expressão de algo novo: as camadas populares camponesas ou de ex-moradores do campo (rústicos, vilões, servos) que começam a transformar as aldeias em cidades, vão criando formas de resistência. Acontecerão, neste período, muitas insurreições camponesas, sublevações de artesãos, agitações de tecelões e tintureiros, revoltas populares de açougueiros, levantes camponeses, agitações populares, manifestos e insurreições, revoluções camponesas como em Avis em Portugal (1383), Lyon (1436), na Saxônia, Silésia/Brandenburgo (1432) e Alemanha (1525)⁸.

b) A outra visão ideológica era a perspectiva *dualista* de que o que vale é preparar-se para ir “para o céu” sendo que a “terra” não tinha importância. Ela é provisória. É apenas uma ponte, uma passagem. A terra era o exílio dos cristãos, o local da expiação dos pecados⁹. Só passaria desta ponte quem “guardasse os mandamentos”. O definitivo é o céu, a vida eterna. O sentido da vida voltava-se para a salvação. Esta pregação submetia o fiel à obediência ao senhor

⁷ Sobre a questão da “unidade ideológica” para a perenidade da igreja, a importância da homogeneidade e estruturas ideológicas veja em PORTELLI, Huges. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 27-30.

⁸ MACEDO, J. Rivair. *Movimentos Populares na Idade Média*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997: toda a obra.

⁹ Expressão dessa ideologia é a oração da “Salve Rainha”, retrato da pregação marcadamente dualista que privilegiava o céu em detrimento da terra.

feudal tornando este mesmo fiel (em geral, servo) acomodado diante da sua própria pobreza. A visão de mundo era estática. Não interessava ter bens terrenos. Estes foram desvalorizados. A história também. Ter bens era perigoso para a salvação da “alma”. E os senhores? Eles eram abençoados, porque todo poder vem de Deus. Ao anunciar o céu (a vida eterna) neste contexto, a Igreja (instituição) legitimava a distribuição da riqueza patrocinada pelo mundo feudal.

1.1.4 – Tradição

Não se movem, não se dinamizam, não se transformam as estruturas. A tranquilidade significa manter a ordem, conservar o que já foi feito, seguir o passado. A tradição deve sempre ser mantida. Um príncipe que substituíu o rei devia seguir as mesmas pegadas do seu pai. As grandes instituições (Igreja, dinastias, nobreza, feudos) eram intocáveis. Permaneciam intactas. Se um reino inimigo era conquistado, todos os habitantes com sua estrutura econômica, social, política, religiosa deviam absorver e se submeter ao conquistador. A imposição da tradição, por parte do conquistador, era vital. Neste mundo feudal, não havia projetos transformadores, porque a ideologia dominante se baseava no passado. Portanto, era atemporal. O mundo estava bem ordenado.

No entanto, na leitura, a partir dos despossuídos (camponeses, burgos) dos séculos XIV-XV, vai-se percebendo uma nova consciência em emergentes movimentos populares que serão um sustentáculo para as futuras transformações que irão acontecer na Europa¹⁰.

1.1.5 – Autoridade

Na Idade Média todas as grandes instituições, como hoje, eram hierarquizadas. As relações de condução da sociedade eram verticais. Os reinos eram assim. A Igreja também o era. E, além disso, sacralizava-se a autoridade, como já vimos, afirmando que toda a autoridade (poder) vem do Criador. O modo de condução da política, do jurídico, do religioso era hierarquizado, como expressão do universo feudal. O poder estava nas mãos de poucos. O saber era privilégio de uma minoria. O monopólio do saber estava nas mãos de uma parte significativa da Igreja. É interessante lembrar o papel dos mosteiros eclesiásticos no nível do saber. O fazer intelectual era baseado em alguns grandes e intocáveis nomes como Aristóteles (séc VI-V a.C.). A autoridade intelectual era externa. Por exemplo, se alguém como Galileu, pelo telescópio, encontrou manchas no sol, esta possibilidade era contestada porque os intelectuais conservadores alegavam que na obra de Aristóteles nunca foi anunciado que havia manchas no sol. Ficava por isso mesmo.

Porém, a vida dura do campo, assim como os fortes laços familiares contribuíram para que fosse surgindo uma grande solidariedade entre os camponeses. A experiência do coletivo (reivindicações, agitações e movimentos de rebeldia dos habitantes do campo) vai, devagarzinho, tomando força. A capacidade de organização das comunidades camponesas vai

¹⁰ MACEDO, J. Rivair. *Movimentos...* p. 22-41.

se encorpendo. Lentamente, vão surgindo, em várias partes da Europa, as associações camponesas.

Concluindo, o mundo do feudalismo bem organizado se espelhava no teocentrismo ocidental, baseava-se na tradição e autoridade e impunha à grande massa a submissão e o conformismo. Era um mundo simples e, ao mesmo tempo, bem ordenado.

1.2 - TEMPOS DE ESPANTO: AS GRANDES REVIRAVOLTAS (SÉC. XVI-XVIII)

A “tranqüilidade” medieval foi abalada a partir do séc. XIV. O feudalismo foi se sentindo, aos poucos, inseguro, por uma série de fatores que o decomporão. A Europa estava mudando. Falar em transformações, neste período, é pensar na *ascensão da burguesia* e as *organizações camponesas*, no *antropocentrismo e razão*, no *iluminismo*, na *autonomia das ciências* e na *revolução industrial*.

1.2.1 - Ascensão da burguesia e organizações camponesas

Em 1323, com a insurreição dos camponeses no condado de Flandres, começa-se a ler um novo tipo relações sociais entre os trabalhadores do campo e os senhores religiosos e feudais. Estas sublevações vão tomar corpo, praticamente, em toda a Europa. Surgiram outros movimentos camponeses em Poitiers (1356), em Jacquerie (1358), em Montpellier (1379), na Inglaterra (1380)¹¹, em Paris (1411), na Alemanha (1432) e ainda aqui na Alemanha (1525). O modo de vida do camponês, ao lado do artesão e do trabalhador em geral, vai tomando outra consistência, em nível crítico coletivo.

Os “burgueses”, no início, recebiam este nome, por viverem nos limites da cidade onde começavam os muros (*bourgs*). Depois, com sua ascensão, mudam para o centro da cidade. Eles não pertenciam à nobreza, nem à instituição eclesiástica, portanto, não se achavam ligados ao poder como também não pertenciam à classe dos servos que mantinham a nobreza e seus grandes latifúndios. Eram, quase sempre, comerciantes, artesãos ou servidores públicos das cidades. Lentamente, o seu desenvolvimento econômico e social desafia as leis da ordem vigente. É esta classe burguesa, que, aos poucos, vai se organizando, decompõe o sistema medieval e toma o poder dos clérigos e dos senhores feudais. A princípio revolucionária, a burguesia passa por uma etapa mercantilista que culminou nos sistemas chamados: “capitalismo” sob o aspecto econômico, “liberalismo” na perspectiva política e “modernismo” na ótica social.

1.2.2 - Antropocentrismo e razão

¹¹ É interessante ler as opiniões de alguém que pertence à nobreza, sobre as causas da revolta camponesa na Inglaterra: FROISSART, Jean. *Chroniques: Textes et Documents d'histoire du Moyen Age*. Paris: Sedes, 1970.

O teocentrismo do feudalismo medieval dá lugar agora ao “antropocentrismo”. Se antes, a perspectiva de vida se espelhava no divino, agora a força vital é fundamentada no *humano*. Se a concepção de vida era propulsionada pela fé, neste momento, é pela *razão*. À luz desta, o ser humano se redescobre, valoriza-se e se redimensiona como presença no mundo e na história. Este modo de vida antropocêntrico envolve todas as dimensões da vida como a econômica, a política, a científica, a artística, a cultural, a religiosa, e, por fim, todo o saber é iluminado pelo antropocentrismo.

1.2.3 – Iluminismo

Este foi um movimento cultural e intelectual europeu que se iluminava na exaltação da razão. É por esta que o ser humano apreende o universo e aperfeiçoa sua própria condição. Esta corrente foi herdeira do humanismo do Renascimento e teve sua fonte no racionalismo e no empirismo do século XVII. No século seguinte, as idéias do Iluminismo sobre Deus, a razão, a natureza e o homem criaram uma cosmovisão que deitou raízes, e acabou por desenvolver um espírito revolucionário na arte, na filosofia e na política¹².

Filosófica e politicamente revolucionários, atacaram duramente os fundamentos da sociedade feudal e sua estrutura de conhecimento. Fundamentados na filosofia de Bacon, Hobbes e Descartes, entre outros, e no modelo indutivo de Newton, sustentavam que o conhecimento devia se basear na observação e na experimentação. Combinavam o uso da razão e da observação para analisarem os diversos aspectos da sociedade. Os iluministas conferiam uma clara dimensão crítica ao conhecimento¹³. A filosofia não constituía um mero conjunto de noções abstratas distante da realidade, mas um valioso instrumento prático que criticava a sociedade presente, vislumbrando outras possibilidades de existência social.

Se no feudalismo da Idade Média o conhecimento filosófico estava fundamentado na tradição e autoridade, os filósofos iluministas surgiram procurando transformar estas antigas formas do saber. Criticavam duramente a base da sociedade feudal, os privilégios da nobreza e de qualquer poder então existente, e as restrições que o feudalismo impunha aos interesses econômicos e políticos da ascendente burguesia. Estudando as instituições feudais vigentes, apontavam suas irracionalidades e injustiças que iam contra a natureza das pessoas e impediam a liberdade humana. A nova concepção entendia o ser humano dotado de razão, possuidor de

¹² Os franceses chamavam o iluminismo de *Siècle des Lumières*. Os ingleses de *Enlightenment*. Os alemães de *Aufklärung*. O Iluminismo francês (Montesquieu, Voltaire, Diderot, d’Alembert, Rousseau) foi mais anticlerical e com mais densidade política que o Iluminismo inglês (John Locke, David Hume) uma vez que na Inglaterra já havia uma monarquia liberal, desde Henrique VIII, o anglicanismo e a separação Igreja/Estado. O Iluminismo alemão (Wolff, Lessing, Kant) se caracterizou mais pelo debate intelectual com reflexões mais metafísicas e religiosas. Precisamos chamar a atenção para Kant, o resumo do Iluminismo e iniciador de uma nova forma de pensamento.

¹³ Um artigo muito rico em informações e reflexões sobre o Iluminismo e a *Encyclopédie* é o seguinte: COSTA, S. A França pré-revolucionária. *Cadernos Didáticos*. Goiânia: Ed. da UCG, 2001, p. 73-138.

uma perfeição inata, destinado à liberdade e igualdade social¹⁴. Portanto, se as instituições feudais eram obstáculo à liberdade da pessoa humana e empecilho à sua realização, elas deveriam ser destruídas. Os iluministas deram uma dimensão crítica ao conhecimento. Este tinha a tarefa não só de conhecer o mundo natural e social, mas de criticá-lo e rejeitá-lo, se fosse necessário. Conhecer a realidade tal como se apresenta e poder transformá-la eram uma só coisa. Portanto, a filosofia foi perdendo o seu conceito abstrato que ficava à margem da realidade. Ela estava se tornando um instrumento prático importante na crítica à sociedade abrindo janelas para a busca de outras possibilidades de existência social nova.

1.2.4 - Autonomia das ciências

Aristóteles (384-322 a.C.), no mundo feudal vigente era intocável. O argumento de autoridade não podia ser contestado. O pensamento do filósofo grego reinou tranqüilo por quase mil e novecentos anos. Porém, Galileu (1564-1642)¹⁵ derruba a autoridade externa de Aristóteles e dá uma guinada na história do conhecimento humano¹⁶. Galileu marcou o advento da moderna concepção de ciência. A partir de agora, o critério da verdade já não era mais a autoridade, mas a experiência, a observação. O mundo que até então, raciocinara de forma

¹⁴ Só que esta visão, na prática, se tornou elitista, provocando, naturalmente, a exclusão de quem não fazia parte do corpo.

¹⁵ Galileu foi físico, matemático, astrônomo. Sua maior contribuição à ciência está no estabelecimento das bases do pensamento científico moderno, o método experimental. Ele mostrava que o conhecimento de tudo o que nos cerca deve derivar somente das "sensatas experiências" e das "demonstrações necessárias" (isto é, matemática) e que "somente é mestra a Natureza". Galileu gastou sua vida em indagar, pesquisar, descobrir, certificar, pelos recursos da experiência, a verdade e as leis da Natureza.

¹⁶ Alexandre Koyré, físico e historiador da ciência, demonstrou em 1937 que o famoso experimento da Torre de Pisa, onde Galileu teria demonstrado que um corpo pesado e um corpo leve levam o mesmo tempo para atingir o pé da torre, é uma lenda (KOYRÉ, 1988, p. 213-223). Na verdade, este relato foi contado por Vincenzo Viviani, um biógrafo de Galileu, sendo contado e recontado por quase todos os outros biógrafos de Galileu. Não se sabe qual era o propósito de Viviani com esta narrativa. Koyré relata experimentos realizados por outros cientistas que, tendo deixado cair do topo de uma torre objetos de pesos diferentes, constataram que o corpo mais pesado atingia o solo antes do corpo mais leve. Em especial, apresenta uma carta de Vincenzo Renieri, professor da Universidade de Pisa, onde este relata a seu mestre Galileu ter feito um experimento na Torre de Pisa com uma bala de canhão e com uma bala de mosquete, ambas de chumbo, e verificado que quando a mais pesada e a mais leve caem deste campanário, a maior precede a menor de muito (RENIERI, apud KOYRÉ, 1988, p. 222). Em sua resposta, Galileu limita-se a remeter Renieri ao seu livro "Duas Novas Ciências" onde demonstrou que não podia acontecer de outro modo. Ou seja, Galileu tinha uma teoria qualitativa para a queda em meios resistivos que previa que se duas esferas de mesma densidade fossem deixadas cair simultaneamente do topo de uma torre, a esfera maior se adiantaria em relação à menor. Por isto Galileu nunca realizaria um experimento, deixando cair juntos de uma torre dois objetos, com o objetivo de demonstrar empiricamente que o objeto mais pesado chegaria simultaneamente com o mais leve ao solo, pois sabia que o objeto mais pesado se adiantaria em relação ao outro.

Portanto, não é pela lendária "experiência da torre de Pisa" que se compreende o salto epistêmico dado por Galileu.

dedutiva, passa agora a priorizar a indução¹⁷. Foi a liberdade conquistada para as ciências. Estas, que até então estavam vinculadas à Filosofia, proclamam sua autonomia com relação àquela. A partir daí, vieram as grandes descobertas científicas. A abordagem científica permitiu maior previsibilidade dos fenômenos, maior poder para a transformação da natureza. A técnica é privilegiada.

1.2.5 - A revolução industrial

Talvez este tenha sido, ao lado da *Revolução Francesa*, o fator mais marcante contra o modo de produção feudal. Com os outros fatores acima mencionados, talvez fosse possível, apesar dos sofrimentos, ainda conviver. Com a revolução industrial não tinha saída. O feudalismo foi destruído. Aconteceu um novo momento na história. Foi uma verdadeira revolução social e política que provocou transformações marcantes das estruturas institucional, cultural, política e econômica. Toda a estrutura da sociedade se transformou. O sistema da sociedade rural foi reordenado. A servidão e organização rural foram destruídas. A emigração da população rural para os centros urbanos foi intensa. Mudou tudo. No entanto, a grande transformação aconteceu com o triunfo da indústria capitalista, dirigida pela burguesia, que foi, pouco a pouco, concentrando as máquinas, as terras, as ferramentas sob seu controle, convertendo grandes massas humanas em simples trabalhadores assalariados, sem quaisquer direitos ou garantias trabalhistas. Consolidou-se a sociedade capitalista. Enquanto isto ia acontecendo, os costumes e instituições até então existentes iam se desintegrando e novas formas de organização da vida social foram aparecendo. A industrialização foi veloz. A urbanização rápida. As consequências foram fulminantes: criminalidade, violência, surtos de epidemia como tifo e cólera, aumento da prostituição, mortalidade infantil, alcoolismo, suicídio etc. Grandes massas humanas se converteram em simples trabalhadores despossuídos¹⁸. Surge o proletariado e o seu papel histórico na sociedade capitalista que está emergindo, será importantíssimo.

1.3 - OS TEMPOS DE MUDANÇAS SE ACELERAM: NASCE A SOCIOLOGIA

Ao contrário do mundo apático e pacato, particularmente, na “Alta Idade Média”, reflexo da tradição e resistência ao novo, o mundo que agora surgiu foi sacudido por transformações significativas. É neste contexto vital que nasce a Sociologia. Surge para procurar explicar o espanto de legiões e legiões de seres humanos que não estavam preparados para tanta mudança. Ela vem para clarear este susto coletivo. Ela, como instrumento de análise, quer dar ao ser

¹⁷ Adam Ferguson (1723-1816), influenciado por Bacon, mostrou em sua obra que é a indução, e não a dedução, que nos revela a natureza do mundo, e a importância da observação enquanto instrumento para a obtenção do conhecimento.

¹⁸ MARTINS, C. B. *O que é sociologia...* p. 11-15. Entre 1780 e 1860 o país mais afetado pela revolução industrial foi, indubitavelmente, a Inglaterra e, particularmente, a cidade de Manchester.

humano a possibilidade de, pela via do saber científico, afirmar-se como senhor dos novos tempos. A profundidade das transformações em curso colocava a sociedade num plano de análise. A sociedade passava a se constituir em “problema”, em “objeto” que deveria ser investigado¹⁹.

No entanto, ela nasce como “ciência conservadora”. Vamos entender! Além da burguesia, o pensamento revolucionário emergente se chamava *iluminismo*, como já vimos. Houve, no embate com o sistema feudal, tempos antes, uma aproximação entre a burguesia (avançada) e o iluminismo²⁰. Os interesses deste dois grupos eram revolucionários. Claro, temos que compreender aqui o aspecto revolucionário numa perspectiva elitista. Após a Revolução Francesa (1789), esta parceria foi enterrada. A burguesia, ao tomar o poder, tornou-se classe dominante, deixando de ser revolucionária. Ao contrário, tornou-se conservadora. Em tempos revolucionários, ela tinha mobilizado as massas, em especial, os trabalhadores pobres da cidade. No poder, meses depois, proibiu a existência das organizações trabalhadoras. Diante disto, os filósofos iluministas, que queriam avançar no processo das transformações sociais, romperam com a burguesia.

Vejamos agora algumas correntes sociológicas significativas:

1.3.1 – O Organicismo Positivista

A lacuna deixada pelos iluministas foi preenchida pelos intelectuais positivistas tendo à frente, Saint-Simon²¹ e Augusto Comte²². Por que o termo “positivista”? Porque eles viam os “iluministas” como intelectuais “negativistas”, perigosos para a paz social.

¹⁹ Martins diz que os pensadores, principalmente ingleses, eram homens voltados para a ação. Eles procuravam extrair do conhecimento orientações para a ação, tanto para manter, como para reformar ou modificar radicalmente a sociedade de seu tempo. Os precursores da sociologia foram recrutados entre militantes políticos ou que se envolviam com os problemas de suas sociedades: Owen (1771-1858), William Thopson (1775-1833), Jeremy Bentham (1748-1832). Veja em MARTINS, C. B. *O que é Sociologia...* p. 15-16.

²⁰ O pensamento, até o Séc.XVI tinha uma visão sobrenatural. Agora ele vai sendo substituído por uma indagação racional. O método científico para a explicação da natureza, conhecia uma fase de grandes progressos, que vem do espaço de Copérnico a Newton. Francis Bacon (1561-1626) e o pensamento filosófico do século XVII romperam com a idéia de que a teologia deveria ser a forma norteadora do pensamento. Vem agora uma dúvida metódica, a fim de possibilitar um conhecimento objetivo da realidade. Não só os filósofos *iluministas* bem como, agora também, os *racionalistas* e a literatura da época se afastam do pensamento oficial, distanciam-se do poder e até investem-se contra ele. É interessante lembrar de Vico (1668-1744) para quem é o homem quem produz a história. Isto terá grande influência em Hume (1711-1776), Ferguson (1723-1816) e também em Hegel e Marx. Veja em MARTINS, C.B. *O que é sociologia...* p. 16-19.

²¹ Saint-Simon foi um socialista utópico. Ele via na industrialização e em uma nova organização da sociedade a possibilidade de solução e superação dos graves problemas sociais decorrentes da consolidação das relações capitalistas. Veja em COSTA, S., SANTOS, N. *Positivismo e República. Concepções e Formação do Estado Brasileiro*. Goiânia: Ed da UCG, 2004, p. 19.

²² Há uma indagação se o protagonista do positivismo foi Comte ou se foi Saint-Simon. Aliás, Comte foi secretário de Saint-Simon em 1817. Além destes dois, também Le Play com eles, refletirão sobre a natureza e as conseqüências da revolução francesa. Constatarão conflitos sociais e, agora, luta de classes. Criticarão a realidade provocada pela revolução, os seus “falsos dogmas”, propondo racionalizar a nova ordem. Para encontrar um estado de equilíbrio na nova sociedade, será necessário conhecer as leis que

Quem primeiro se preocupou com a constituição de uma ciência da sociedade com grau de positividade correspondente aos das ciências naturais foi Augusto Comte (1789-1857)²³. A sociologia, que anteriormente denominou-se física social, deveria ter a capacidade de identificar as leis naturais da sociedade. Para isso, orientar-se-ia somente para os estudos dos fatos desvinculando-se das concepções dogmáticas, religiosas e supranaturais.

Aos elementos próprios das demais ciências como a observação, a comparação e classificação, a sociologia deveria somar uma visão histórica para que pudesse obter e ordenar dados sociais em hipóteses de trabalho. Esta versão positivista da história implica concebê-la como a história do progresso do espírito humano, ou seja, na evolução contínua do espírito científico.

A visão de Comte traduz duas preocupações centrais: reformar a sociedade e sintetizar o conhecimento científico. Nesta perspectiva, a ciência deveria identificar a ordem que reina no mundo para agir de forma eficaz sobre ela, desconsiderando as causas últimas e explicações definitivas dos fenômenos.

No seu esquema teórico a ação humana fica condicionada aos limites das leis naturais, porém, o Estado possui um certo espaço para intervenção na vida econômica e organização social. Este argumento concorrerá para que o Positivismo atraísse seguidores fervorosos em vários regimes republicanos no século XX. Vejamos suas principais características:

O Positivismo, movimento intelectual de oposição ao Iluminismo, nasce com u'a mentalidade conservadora. Estamos em outros tempos (Napoleão se torna imperador a partir de 1804). Um dos seus lemas como "Ordem e Progresso" é a expressão ideológica deste movimento²⁴. Os positivistas vêem a sociedade caótica. É preciso reverter a história, criando a "ordem". É na condução dos movimentos sociais dentro da ordem que será possível estabelecer o "progresso"²⁵. A burguesia tinha como meta esta empreitada. O positivismo deveria ser o sustentáculo ideológico. Saint-Simon afirmou que a "filosofia do último século foi revolucionária; a do século XX deve ser reorganizadora".

Este movimento positivista tem a ciência como grande escopo. Ele se fundamenta nos três estágios elaborados por Augusto Comte:

regem os fatos sociais. Vão detectando uma *ciência da sociedade*, para "reorganizar" a nova "ordem e paz".

²³ Segundo Costa e Santos, Comte foi contemporâneo do processo revolucionário burguês; do surgimento do proletariado como força política independente; das revoluções de 1848; da época em que a burguesia, do ponto de vista histórico, não apenas procurou amenizar e até mesmo interromper o processo de sua própria "revolução", mas também passou a preocupar-se com o controle social e a hegemonia de seu projeto civilizatório e a assumir posições anti-revolucionárias. Ao ver destes autores, a ciência estava voltada para o controle social. Veja em COSTA S., SANTOS, N. Positivismo... 2002, p. 18-19.

²⁴ Em 1876 será fundada a primeira sociedade positivista do Brasil.

²⁵ MARTINS, C.B. *O que é sociologia...*p. 45.

a) Estágio teológico: o espírito humano vê os fenômenos como se fossem produzidos pela ação direta de agentes sobrenaturais que intervêm arbitrariamente na história humana. Isto explica as anomalias aparentes do universo.

b) Estágio metafísico: os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas inerentes aos diversos seres do mundo e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados.

c) Estágio positivo: o espírito humano preocupa-se em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos se resume, de agora em diante, na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais cujo número o progresso da ciência tende a cada vez mais diminuir²⁶.

Comte diz que essa revolução geral do espírito humano pode ser constatada no desenvolvimento individual da inteligência. Cada um se percebe teólogo na infância, metafísico na juventude e físico na virilidade²⁷. O estado positivo corresponde, na visão de Comte, à maturidade do espírito humano. O real está em oposição ao quimérico. Só é real aquilo que repousa sobre fatos observados.

A primeira hipótese do Positivismo é de que a sociedade humana é regulada por leis naturais, invariáveis, independentes da vontade e da ação humana, tal como a lei da gravidade ou do movimento da terra em torno do sol. A lei é totalmente objetiva. A pressuposição fundamental do positivismo é de que essas leis que regulam o funcionamento da vida social, econômica e política, são do mesmo tipo que as leis naturais, e, portanto, o que deve reinar na sociedade é uma harmonia semelhante à da natureza, uma espécie de harmonia natural.

Desta hipótese vem duas conclusões: a primeira é de que os métodos e procedimentos para se conhecer a sociedade são exatamente os mesmos que são utilizados para se conhecer a natureza. A metodologia das ciências sociais tem que ser idêntica à metodologia das ciências naturais. Significa que o funcionamento da sociedade é regido por leis do mesmo tipo das da natureza. É o “naturalismo positivista”, isto é, se a sociedade é regida por leis de tipo natural, a ciência que estuda essas leis naturais da sociedade é do mesmo tipo que a ciência que estuda as leis da astronomia, da biologia etc. A outra conclusão é de que as ciências da natureza são ciências objetivas, neutras, livres de juízos de valor, de ideologias políticas, sociais ou outras. Então, as ciências sociais devem funcionar exatamente segundo esse modelo de objetividade científica. Ou seja, o cientista social deve estudar a sociedade com o mesmo espírito objetivo,

²⁶ Augusto Comte foi genial. Ele conseguiu fazer uma síntese do organicismo e do positivismo que eram, à primeira vista, duas tradições intelectuais contraditórias. O organicismo era uma tendência do pensamento que constrói sua visão do mundo sobre um modelo orgânico. O positivismo se baseia, claramente, na experiência e adota, como ponto de partida, a ciência natural, tentando aplicar seus métodos no exame dos fenômenos sociais.

²⁷ COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 9-11. Col. Os Pensadores.

neutro, livre de juízo de valor, livre de quaisquer ideologias ou visões de mundo, exatamente da mesma maneira que o físico, o químico, o astrônomo etc. É assim que se compreende o Organicismo Positivista²⁸.

As conseqüências desta compreensão são: afirma-se a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com as posições políticas, os valores morais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo. Esse conjunto de elementos ideológicos deve ser eliminado da ciência social. São prejuízos, preconceitos ou noções. A ciência só pode ser objetiva e verdadeira na medida em que eliminar totalmente qualquer interferência desses preconceitos ou noções.

1.3.2 – A corrente funcionalista (sociologia da ordem)

Este modelo sociológico tem como referência, entre outros, Emile Durkheim (1858-1917). Também para ele a questão da ordem social será uma preocupação constante. De forma sistemática, ocupou-se também em estabelecer o objeto de estudo da sociologia, assim como indicar o seu método de investigação. Ele recebeu, pelo menos, três influências:

a) do Positivismo. Durkheim, a partir daí, preocupou-se em dar à Sociologia um objeto bem definido. Buscou também afirmar que a Sociologia deve usar o método das ciências naturais. Existe uma ordem de fenômenos pré-existentes aos indivíduos. Esta ordem se exerce como pressão sobre eles, condicionando-os. Estes fenômenos são os fatos sociais (maneiras de pensar, agir e sentir) que exercem sobre o indivíduo um poder de coerção. Estes fatos sociais (objetos da sociologia) devem ser tratados como coisas. Só assim o cientista social se torna neutro e a ciência sociológica positiva.

b) dos Organicistas. Estes estudavam a sociedade a partir do conhecimento dos organismos vivos. Durkheim adotará este caminho para compreender a realidade social. Ele estabeleceu uma analogia entre o corpo humano e a sociedade. O corpo possui uma heterogeneidade de partes, é um todo complicado, mas, ao mesmo tempo, parece ter uma homogeneidade. O corpo humano apresenta uma tendência ao equilíbrio. Tem capacidade de se reequilibrar quando se desequilibra. Por ex. se se perde um braço, ajeita-se com o outro; se perdem os olhos, compensa-se no tato; é possível viver só com um rim. Esta comparação organicistas ele a fez a partir de estudos na África com grupos primitivos (tribos ainda sobreviventes). As partes constituintes não apresentavam propriamente dimensões conflituosas. A organização social tinha ares de estática e ajustada. As hierarquias não eram postas em questão. Não se discutia a dominação. As mudanças seriam impostas de fora, porque as sociedades não acusariam tal vocação, o que levou a marcar a escola funcionalista como, tendencialmente, avessa ao tema da mudança. Para o Funcionalismo a mudança aparece como anômala.

²⁸ Além de Comte, outros intelectuais adaptaram essa síntese ao ambiente social e intelectual: Herbert Spencer no Reino Unido e F. Ward nos Estados Unidos.

c) do Evolucionismo de Darwin. Como nesta linha, a evolução é iniciada a partir de uma partícula em movimento constante, este progresso ininterrupto acontece não só na natureza, mas também na esfera do social.

Durkheim elaborou sua obra em tempos de constantes crises econômicas e sociais, mas também, período de grandes progressos tecnológicos (petróleo, eletricidade etc). As teorias socialistas ocupavam espaço. Ele, ao contrário da visão socialista (natureza econômica), achava que a raiz dos problemas estava na fragilidade da formação moral da época. Inexistindo um novo e eficiente conjunto de idéias morais, dificultava o “bom funcionamento” da sociedade. Aí a sociedade industrial mergulhava em um estado de *anomia* (experimentava uma ausência de regras estabelecidas). A anomia era uma demonstração de que a sociedade encontrava-se totalmente doente (ondas de suicídio, violência etc). Era preciso encontrar novas idéias morais capazes de guiar a conduta dos indivíduos. A ciência, na sua visão, poderia, através de suas investigações encontrar soluções nesse sentido. Tinha uma visão otimista da nascente sociedade industrial. Ao invés de conflitos sociais, a divisão do trabalho deveria trazer um forte aumento da solidariedade, cooperação e união entre os homens.

Emile Durkheim, em suas obras clássicas “A Divisão Social do Trabalho” (1893), “As Regras do Método Sociológico” (1895), “O Suicídio” (1897) e “As Formas Elementares da Vida Religiosa” (1912), apresenta-se como referência no estudo da relação indivíduo/sociedade e do rigor metodológico.

Durkheim elaborou o primeiro trabalho sistemático sobre o método sociológico, onde propôs que os fatos sociais – objeto de estudo da sociologia – deviam ser estudados como coisas fora dos indivíduos. Além de serem externos ao homem, os fatos sociais são também coercitivos e generalizados. Para esse autor, o problema da ordem social se situa no âmbito dos sentimentos partilhados pelos indivíduos e não no âmbito econômico. A solidariedade entre os indivíduos se estabelece de duas formas: solidariedade mecânica, existente nas sociedades arcaicas e indiferenciadas e solidariedade orgânica, presente nas sociedades modernas a partir da divisão social do trabalho. Na primeira, a consciência individual submete-se à consciência coletiva. Na segunda, apesar do predomínio da consciência coletiva, o indivíduo consegue mover-se dentro de certos limites.

O pensamento de Durkheim teve uma forte influência na sociologia posterior. Aliás, nas três primeiras décadas do séc. XX, as produções acadêmicas foram intensas²⁹. Se, de um

²⁹ Na França, Durkheim foi inspirador de inúmeras pesquisas. Apontamos as pesquisas de M. Mauss, Levy Bruhl e M. Halbwachs. Na Inglaterra, Malinowski, Radcliffe-Brown: alicerces do método de investigação funcionalista. Na Alemanha, além do fenomenal M. Weber que conferiu à sociologia uma reputação científica e de ser um referencial da sociologia mundial (M. Weber, posteriormente, criou a “Teoria da Ação Social”), encontramos Sombart com sua sistematização do Capitalismo Moderno, M. Bloch, Max Scheller, Pareto, Von Wiese, Roos e K. Mannheim. Este procurou transformar a sociologia numa técnica de controle social. Nos Estados Unidos a sociologia se confunde com atividade de pesquisa ou investigações de campo. W. Thomas e Znaniecki, em cinco volumes, apresentam os novos métodos de

lado, as pesquisas foram ricas enquanto material empírico e fascinantes no nível teórico, no entanto, há uma forte lacuna, ao deixar a um segundo plano a questão vital das classes sociais como elemento explicativo dos fenômenos sociais.

Após a década de 1930, diminui, sensivelmente, o intercâmbio de conhecimento entre as nações³⁰. Haverá um embate contra a expansão do socialismo (teoricamente enfrentarão o marxismo) e a determinação de impedir os movimentos de libertação³¹. É a sociologia a serviço do imperialismo.

A “Escola de Chicago” fez nome³². Dedicou-se à criação de novos métodos e técnicas de investigação, refinando os procedimentos quantitativos e estatísticos da pesquisa de campo. Esta Escola incorporou a visão positivista, apresentando os seus trabalhos como “neutros” e “objetivos”. No entanto, a escola, se a compararmos aos clássicos da sociologia, é frágil nas questões teóricas³³.

O Funcionalismo privilegia o lado institucional da sociedade. Ele vê a sociedade na perspectiva das instituições, praticamente reduz o social ao institucional.

Resumindo, houve um grande otimismo nesta corrente sociológica. Se a sociedade possui as mesmas características do corpo humano, ela é algo bom, harmonioso, equilibrado. Também o Evolucionismo de Darwin criou um grande otimismo no Funcionalismo. Se a sociedade é boa só resta mantê-la, conservá-la. Esta postura conservadora vem da sua ótica institucionalista. É na perspectiva das instituições sociais que o Funcionalismo enxerga a sociedade. Ora, todo processo institucional é conservador. Logo se justifica o caráter conservador desta corrente. Nessa visão, se às vezes, houver disfunções sociais, trata-se de um mau funcionamento de alguma parte, nunca do todo. Por isso, não se questiona o todo (as estruturas da sociedade), mas as partes. O funcionalismo não suporta mudanças, mas reformas. Ideologicamente falando, os membros da sociedade precisam ver a sociedade com os olhos do grupo dominante. O Funcionalismo é o ponto de vista de quem almeja ou está no poder³⁴.

pesquisa a partir das realidades urbanas. Também R. Park forma uma interessante geração de sociólogos, na mesma linha.

³⁰ Há perseguições aos intelectuais, e, conseqüentemente, emigração para os Estados Unidos. Aí acontecerá um fenômeno infeliz: os sociólogos e cientistas sociais serão cooptados pelo sistema ou por empresas a serviço do capitalismo. É o que C. Martins chama de “sociólogos profissionais”. MARTINS, C. B. *O que é sociologia...*p. 87-88.

³¹ A escola de Harvard foi expoente, após a depressão de 1929, com seus cientistas sociais (R. Merton, Parsons, G. Homans, C. Kluckhohn) na luta anti-marxista. Fundamentava-se em Pareto.

³² Os cientistas sociais desta Escola (S. Stouffer, G. Lundeberg, P. Lazarsfel etc) se preocupavam com o desenvolvimento empírico. O problema é que trabalhavam um conjunto de fatos isolados, desprovidos de visão histórica: questões urbanas, família, “pequenos grupos”, relações sociais etc, eram trabalhos que contribuíram para desmembrar os fenômenos investigados do conjunto da vida social.

³³ Porém, como sabemos, não se pode generalizar. Desta “Escola de Chicago”, contra uma linha geral, vão aparecer cientistas sociais de tendência socialista, como veremos quando estivermos estudando a leitura conflitual da Bíblia. Ex.: Shirley Case e, recentemente, Bruce Malina.

³⁴ Quem quiser entender como a burguesia foi a fonte do moderno capitalismo leia: CATANI, Afrânio Mendes. *O que é Capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 29ª edição, 1991.

Poderíamos apontar mais duas correntes importantes dentro da sociologia, como o Formalismo³⁵ e o Behaviorismo Social³⁶, porém, para o que nos propomos, não seria tão significativo.

1.3.3 – A corrente socialista

A leitura sociológica, por esta corrente, ao contrário, é uma crítica, em todos os níveis, aos modelos positivista e funcionalista que sustentam, teoricamente, a ordem estabelecida. A sociologia tornar-se-á uma reflexão crítica da própria sociologia e da realidade. Também ela precisará participar na busca transformadora da sociedade. A partir da leitura que vem da base, isto é, o proletariado, surge, então, uma teoria crítica da sociedade. Marx (1818-1883) e Engels (1820-1903) conheciam o “socialismo utópico” e seu inconformismo com a nova realidade européia imposta pelo capitalismo, como também aprofundaram a teoria da dialética hegeliana, aplicando-a à realidade conflitual da época. Qual é o sentido da dialética³⁷? É uma percepção da realidade como algo dinâmico, não estático. O pai desta visão foi Heráclito, filósofo grego. Quem desenvolveu o método da dialética foi Hegel (1770-1831), que via nela um processo de três momentos: tese, antítese e síntese. Na evolução do grão de milho temos: a tese é o grão. Nele está potencialmente presente a sua própria antítese: o pé de milho. E a síntese é a espiga de milho. O idealismo hegeliano deu lugar ao materialismo dialético³⁸.

Os princípios desta visão mostram que tudo se transforma continuamente. O mundo não é um complexo de coisas acabadas, mas de processos. O devir é criador do novo. O real implica contradições intrínsecas. O novo é o resultado da atualização das contradições inerentes aos objetos e fenômenos. As coisas encerram em si mesmas o seu contrário. É a luta destes contrários que provoca o movimento³⁹. A divisão do trabalho na sociedade expressava as relações de exploração e contradição. Havia uma impossibilidade absoluta de solidariedade entre a burguesia e o proletariado. Os trabalhadores, explorados economicamente, estavam excluídos e expropriados dos meios de produção. De fato, Marx e Engels acompanhando as pesquisas que mostravam que a natureza era dinâmica, perceberam que no nível social, a partir

³⁵ Esta corrente definiu a sociologia como estudo das formas sociais. Legou à Sociologia um estudo detalhado sobre os acontecimentos sociais. Esta corrente teve dois ramos: 1) Formalismo neokantiano (G. Simmel e L. Von Wiese) e 2) ramo Fenomenológico (E. Husserl).

³⁶ Surgiu entre 1890-1910 e subdividiu-se em três grandes ramos: 1) Behaviorismo pluralista (G. Tarde) investigou os fenômenos de massas e atribuiu grande importância ao conceito de imitação para explicar os processos e interações sociais. 2) Intencionismo simbólico enfocou o estudo do eu e da personalidade, assim como nas noções de atitude e significado para explicar os processos sociais. 3) Teoria da Ação Social (Max Weber). Weber exerceu grande influência sobre muitos sociólogos com seu método de “construção de tipos sociais”, instrumento de análise para estudo de situações e acontecimentos históricos concretos.

³⁷ KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 24ª edição, 1993.

³⁸ Para esta temática sugerimos as seguintes obras: SPINDEL, Arnaldo. *O que é Comunismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 17ª edição, 1987; SPINDEL, Arnaldo. *O que é Socialismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 4ª edição, 1980; NETTO, José Paulo. *O que é Marxismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 4ª edição, 1987.

³⁹ É interessante conhecer o pensamento de quem esteve envolvido, por completo, na aplicação revolucionária do marxismo, particularmente, no que tange à conceituação da dialética: ULIANOV, Vladimir Ilitch. *O que é o Marxismo?* Lisboa: Ed. Estampa, 2ª ed., 1973, p. 22-25.

dos conflitos de classes, havia também uma ininterrupta transformação: os conflitos moviam a história que era acelerada pelas contradições e a luta entre as classes sociais⁴⁰. Ao ver de Costa, foi

“um período de intensa luta de classes, de polarização entre reação e revolução, de grande mobilização social, brilhantemente apreendido e explicado por Marx e Engels e transformado em teoria revolucionária. A vida, a luta, para Marx, tem um sentido amplo; é, ao mesmo tempo, debate, elaboração teórica e participação política e organizativa no movimento operário. O proletariado passou a contar uma teoria que lhe permite entender, de forma coerente, sua condição presente e sua responsabilidade na construção do futuro: libertar a humanidade da exploração, da opressão e da alienação” (COSTA, 1998, p. 181).

A obra de Marx, especialmente o “Manifesto Comunista”, a “Contribuição à Crítica da Economia Política” e “O Capital”, é voltada para o desvelamento do caráter antagônico do capitalismo e da sua necessária superação. Na essência da economia capitalista está a “mais valia”, fundamento da acumulação de capital e base estrutural da exploração do trabalho assalariado. Na sociedade capitalista as relações entre os homens se subordinam às relações entre os homens e as coisas. O dinheiro se torna um vínculo social, regendo todas as atividades dos indivíduos, atando-os por meio de valores de troca. Ele é a forma objetiva da relação social básica na sociedade capitalista⁴¹.

As contradições na sociedade capitalista se devem a uma forma particular de exploração do homem pelo homem, que consiste na distribuição desigual do esforço humano através do salário, combinada com a apropriação privada dos meios de produção. Marx foi o primeiro teórico que elaborou o modelo geral macroeconômico baseado em conceitos rigorosamente definidos: o valor do trabalho, a mais valia, a exploração, a transformação do trabalho em mercadoria e esta em dinheiro, além da taxa decrescente de benefícios, a lei geral da acumulação do capital⁴².

Naturalmente, todos estes conceitos foram objeto de críticas, porém, durante um longo período de tempo, a economia liberal não conseguiu elaborar uma análise da dinâmica histórica do capitalismo e de seu crescimento por ignorar o enfoque de Marx.

⁴⁰ É interessante conhecer, além do pensamento e produção científica de Engels e Marx, o envolvimento, na “*práxis*”, destes dois personagens. Foram revolucionários na teoria e na prática. Sobre a vida dos dois, nesta perspectiva revolucionária, sugiro a seguinte obra: COSTA, Sílvio. *Comuna de Paris O Proletariado Toma o Céu de Assalto*. Goiânia: Anita Garibaldi e Ed. UCG, 1998. Sobre a vida de Engels, veja na p. 168. Sobre a de Marx, confira nas p. 179-181. Segundo Costa, este livro sobre a tomada do “Céu de Assalto” a respeito da experiência da comuna de Paris, foi analisado brilhantemente por Marx, como uma tentativa de estabelecer um Governo proletário, onde ele faz uma avaliação dos acertos e erros da experiência.

⁴¹ NASCIMENTO, Telma Ferreira. Uma Aproximação às Bases Teóricas do Individualismo Moderno. *Fragments de Cultura*. Goiânia: UCG, v. 14, n. 3, 2004, p. 577-8.

⁴² NASCIMENTO, T. F. Uma aproximação... 2004, p. 578. Ela vê Karl Marx e Georg Simmel (1858-1918) como dois pensadores que contribuíram de forma determinante na análise da economia capitalista. Marx centrou-se nas relações de produção e Simmel nas representações culturais que regem a conduta humana.

A corrente socialista criou uma história interessante. Além da compreensão da importância dos fatores econômicos para se entender a vida social, o socialismo amadureceu um tópico genial: “a vocação crítica”. Com esta perspectiva crítica, auxiliou na compreensão da sociedade capitalista como um sistema de dominação e ajudou a compreender os processos históricos que visam alterar a ordem existente⁴³. Foram fundamentais nesta abordagem Korsh e Lukács, como o grupo do Instituto de Pesquisa social de Frankfurt: Adorno, Horkheimer, Benjamim, Marcuse, Habermas e outros⁴⁴.

Além dos fatores econômicos e a vocação crítica, o socialismo amadureceu a investigação do papel das “Ideologias” na manutenção da dominação capitalista. Althusser, Gramsci, Poulantzas, Bourdieu contribuíram para a inteligência de como se processa o domínio intelectual da burguesia sobre as demais classes sociais.

Quem tem dado uma interessante contribuição, dentro da ótica socialista, são os sociólogos da margem, ou seja, os cientistas sociais dos países pobres: questionadores da dominação imperialista a que seus povos estão submetidos e inconformados com os rumos da sociologia a serviço do poder. Cito, como referência, os brasileiros Florestan Fernandes e Octavio Ianni, bem como o venezuelano Otto Maduro, que fez escola com F. Houtart. Florestan Fernandes inaugurou uma análise crítica da realidade social a partir do questionamento da sociologia clássica e da adequação do referencial teórico marxista na análise da sociedade brasileira⁴⁵. As ciências sociais na América Latina – a partir de Florestan: sociologia crítica – tentam elaborar um referencial teórico de análise da realidade que analisam as contradições sociais e econômicas dos “regimes de classes” estabelecidos na América Latina durante séculos de colonização⁴⁶.

1.4 - TEMPOS DE TRANSFORMAÇÕES: Teoria dos Conflitos

⁴³ Veremos, à frente (leitura conflitual e a questão da hermenêutica), que a leitura conflitual do Novo Testamento tem como fundamento epistemológico a afirmação de que a “sociologia crítica” é um excelente instrumento de crítica das tradições e da ordem estabelecida. Exatamente porque ela busca encontrar o lugar social dos textos bíblicos, ouvindo a voz dos oprimidos e denunciando a vez e a voz dos dominadores.

⁴⁴ A Escola de Frankfurt, fundada por T. Adorno e M. Horkheimer tem sido pontual não somente para a sociologia crítica, mas também para o universo da educação, da economia, da psicologia e da filosofia com sua crítica em relação à racionalidade moderna e seus processos de a-sujeitamento, pragmatismo, reificação e alienação. A “teoria crítica” proposta por esses pensadores se opõe à teoria tradicional, que se pretende neutra quanto às relações sociais. Ela toma a própria sociedade como objeto e rejeita a idéia de produção cultural independente da ordem social em vigor. Adorno, por exemplo, criou o conceito de “indústria cultural” para designar a exploração sistemática e programada dos bens culturais com finalidade de lucro. tanto nas instituições sociais como nas atitudes do ser humano. Acusou a sociedade capitalista de criar necessidades de consumo artificiais e incessantemente renovadas, manipulando as consciências pelos meios de comunicação de massa, criando o conformismo. Habermas combateu a neutralidade pretendida pelo tecnicismo e denunciou o caráter ideológico da ciência e da técnica.

⁴⁵ FERNANDES, Florestan. *A Natureza Sociológica da Sociologia*. S. Paulo: Ed. Ática, 1980.

⁴⁶ IANNI, O. (Org). *Florestan Fernandes: Sociologia Crítica e Militante*. S. Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 227.

A expressão “Teoria dos Conflitos” refere-se a um enfoque sociológico cuja ênfase se encontra nos conflitos sociais e não nos processos de integração, harmonia, consenso e equilíbrio. O funcionalismo não ignora os processos conflitivos, porém, o que lhe interessa é a resolução destes, através de fenômenos de adaptação, evolução e negociação.

O enfoque em torno do “conflito” constitui uma importante corrente do pensamento sociológico, que não pode reduzir-se a uma só escola ou tradição. Já nas origens do pensamento social ocidental encontramos duas posições diferentes sobre a vida da humanidade. Uma compreende a vida social em termos harmônicos (Platão e Aristóteles). A outra, percebe a realidade social em termos conflitivos (Heráclito e Políbio). A partir de Maquiavel e, sobretudo de Hobbes, instaura-se a tradição conflitivista moderna, que tem uma primeira expressão sociológica madura em Karl Marx. Sua teoria das contradições internas do capitalismo, da luta de classes e da inevitabilidade da revolução, constituem o ponto de partida de uma das correntes mais poderosas do enfoque conflitivo. O marxismo, até hoje, é parte essencial da corrente conflitivista contemporânea.

A maioria dos sociólogos, que argumenta pertencer à perspectiva da teoria do conflito, defende, vigorosamente, a idéia de que, ao enfatizar os contrastes, os enfrentamentos, as dominações e lutas, os resultados da indagação são muito mais convincentes do que os de uma concepção que sublinha aspectos mais diluídos, consensuais e harmoniosos da vida social.

Maduro mostrou que toda sociedade possui o seu modo de produção. Este modo, inegavelmente, é a estrutura central da sociedade. Historicamente, verificamos diversos modos de produção: escravagista, feudal, tribal, capitalista, socialista. O modo de produção é a maneira específica como cada grupo se organiza para produzir e reproduzir os bens, não só materiais, indispensáveis à sua sobrevivência. Podemos distinguir duas grandes categorias de modos de produção⁴⁷:

a) *simétricos*: os membros da sociedade têm igual acesso aos meios de produção existentes (sem apropriação privada), têm uma distribuição igual da força de trabalho (todos produzem sem privilégio, nem exceção) e têm uma partilha igualitária, conforme as necessidades dos produtos finais do trabalho⁴⁸.

⁴⁷ Otto Maduro e François Houtart desenvolvem, a partir da visão marxista de análise da sociedade, o conceito de “modos de produção”. Também ajudam-nos a compreender a conceituação de “assimetria” e “simetria”. Veja em MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983, p. 76-78. Veja também em HOUTART, François. *Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982, p. 13-16.

⁴⁸ MADURO, Otto. *Religião...* p. 78-79. Este autor estudando a questão de “simetria social” dentro do contexto latino-americano, deu, como exemplo de modos de produção comunitários, a experiência dos Guaranis do Paraguai pré-colombiano. Ele diz que, atualmente, na América Latina, apesar do modo de produção capitalista, portanto, assimétrico, ainda existem algumas comunidades indígenas e camponesas com traços que revelam tradição comunitária na produção. São comunidades minoritárias, dispersas e

b) *assimétricos*: uma minoria tem o controle dos principais meios de produção (instrumentos de trabalho e detentores da propriedade privada), em que a força de trabalho do grupo se encontra sistematicamente distribuída de modo desigual. Os produtos finais do trabalho são apropriados sistematicamente de modo desigual. Este modo assimétrico de produção gera um processo progressivo de estruturação da sociedade em classes sociais, relações de exploração, dominação e interesses contrapostos. Numa sociedade assimétrica, a tendência é que uma minoria aumente progressivamente seu capital e poder (os que controlam os meios de produção necessários à sobrevivência da sociedade, da distribuição da força de trabalho etc). O poder, em sentido amplo, se torna desigual. Aumentam as relações de dominação. Enquanto uns estão interessados em manter uma organização assimétrica da produção, os outros estão interessados em não continuar dominados⁴⁹.

Nesta contraposição de interesses reside o caráter conflitivo, que na perspectiva do materialismo dialético⁵⁰, caracteriza as sociedades capitalistas⁵¹.

A Teoria dos Conflitos segue a tendência socialista ou vice-versa e se distancia, antagonicamente, das correntes funcionalistas e organicistas.

Ela é uma grande construção do pensamento sociológico que conferiu à sociologia uma nova dimensão da realidade. Para esta linha, o problema das origens e do equilíbrio das sociedades perdeu importância diante dos significados atribuídos aos mecanismos de conflito e de defesa dos grupos e da função de ambos na organização de formas mais complexas de vida social. O grupo social passou a ser concebido como um equilíbrio de forças e não mais como relação harmônica entre órgãos, não suscetíveis de interferência externa. Antes de ser adotada pela sociologia, a teoria dos conflitos já tivera grandes resultados em outras áreas como a história, a economia clássica⁵² e a biologia⁵³.

1.4.1 – A teoria sociológica dos conflitos e a leitura da Bíblia

Não iremos estudar a questão da leitura sócio-antropológica da Bíblia hebraica. Nós nos deteremos apenas no modelo conflitual do Novo Testamento.

ameaçadas de extinção. Como exemplo também pré-colombiano de modos de produção simétricos, ele cita os Incas do Peru.

⁴⁹ MADURO, Otto. *Religião...*p. 82-83; LÖWY, M., *Ideologias e Ciência Social. Elementos para uma Análise Marxista*. São Paulo: Cortez, 1985.

⁵⁰ MALAGODI, Edgard. *O que é Materialismo Dialético*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2ª edição, 1988.

⁵¹ Deixamos de lado, neste momento, a reflexão sobre a estrutura global do modo de produção que é formada de três estruturas regionais: a estrutura econômica, a jurídico-política e a estrutura ideológica.

⁵² Na economia quem usou a teoria dos conflitos foram Adam Smith e Robert Malthus.

⁵³ Na biologia vale ressaltar as idéias de Darwin. O darwinismo social teve como seguidores o polonês L. Gumplowicz (a evolução social é decorrente dos conflitos entre os grupos sociais); o austríaco G. Ratzenhofer usou a noção do choque de interesses para explicar a formação dos processos sociais.

O modelo conflitual é um dos tantos da leitura sociológica da Bíblia⁵⁴. No nosso campo, cujo terreno é a Bíblia, falar nesta leitura é pensar na "Escola de Chicago"⁵⁵. Quase oitenta anos após a fundação da escola, foi Bruce Malina, após tantos debates sobre os métodos e modelos do estudo do Novo Testamento, bem como simpósios sobre as diferentes direções (descrição social é método das ciências sociais) para estudar sociologicamente a Bíblia, quem elaborou os modelos dentro do método. Segundo Malina, o "modelo" é definido como a representação abstrata e esquematizada de um objeto, evento ou interação do mundo real, elaborada para servir de instrumento de compreensão, controle ou predição⁵⁶.

Ele apresenta três tipos principais de modelos ou teorias das ciências sociais: *o modelo funcional-estrutural*⁵⁷, *o modelo simbólico*⁵⁸ e *o modelo conflitual*. Estes são modelos de base ou gerais, porque têm uma certa homogeneidade e coesão interna apresentando uma estrutura suficientemente definida. Malina delinea também seis modelos particulares ou "aplicativos"

⁵⁴ Para a atual reflexão dos modelos do método sociológico servimo-nos de OSIEK (1989, p. 260-278) e ALVAREZ-VERDES (1989, p. 5-41). Quando falamos de método estamos optando por um determinado caminho para atingirmos o objeto. Cada método tem seus recursos epistemológicos e hermenêuticos. Os métodos da exegese bíblica são abertos, sendo que um pode completar e enriquecer o outro. Se aqui estamos olhando numa perspectiva mais sociológica, em outros momentos, nossa leitura bíblica usufruir-se-á do *método histórico-crítico* e *crítico-literário*. A aplicação do método sociológico com os seus vários modelos para o estudo da Bíblia não é uma criação contemporânea. Já no século passado ilustres biblistas preocupavam-se com essa leitura. No Antigo Testamento temos J. Fenton, Robertson Smith, Julius Wellhausen, Martin Noth, Antonin Causse. A eles, muitos estudiosos recentes como A. Alt, W. Albright, George Mendenhall, Norman Gottwald devem suas pesquisas.

⁵⁵ Quando abordamos a corrente funcionalista, colocamos esta Escola também como representante da postura conservadora a serviço do sistema. No entanto, dissemos que dentro dela surgiram cientistas sociais da corrente socialista. É este o aspecto que abordaremos agora. A "Escola de Chicago" teve um primeiro momento (1892-1920) mais tímido e um segundo momento (1920-1940) onde os estudos do Novo Testamento mereceram uma atenção especial. Como a Universidade abriu suas portas ao estudo acadêmico da sociologia, os biblistas aproveitaram para se servir dos novos modelos oferecidos pela sociologia para uma melhor reconstrução do Israel bíblico e das comunidades cristãs primitivas. Pensar nessa "Escola" é lembrar-se da SBL (Society of Biblical Literature), é lembrar dos referenciais do estudo social do Novo Testamento: Shirley Jackson Case e Bruce Malina. Ao final, apresentamos suas obras nas Referências

⁵⁶ MALINA, Bruce J. "The Social Sciences and Biblical Interpretation". In *Int*, n. 37, 1982, p. 231.

⁵⁷ Este modelo funcional-estrutural está centrado, como já vimos, na idéia de ordem e de harmonia. Tenta descobrir as estruturas ou modelos de comportamento que configuram uma sociedade ou grupo. O comportamento vem mantido a partir da obrigatoriedade das normas comumente aceitas. Daí brota a coesão de uma sociedade ou grupo que, definitivamente, se baseia na assunção comunitária de uma série determinada de princípios, valores e normas em vistas à consecução de um objetivo último. Este modelo tem uma tendência ao imobilismo, pois ele assume que modificações só devem acontecer para haver ajustes se houver novas necessidades. Mudanças radicais não devem acontecer. ALVAREZ-VERDES, "El Método Sociológico..." p. 15-16; OSIEK, Carolyn. "The New Handmaid ...", p. 272.

⁵⁸ O modelo simbólico tenta ir além do imediato dos fatos e das situações para penetrar no horizonte das expressões simbólicas através das quais as coisas são percebidas e valorizadas. Começa não com a interação social, mas com o significado simbólico atribuído a pessoas, coisas e acontecimentos. A interação social é produzida pela reação das pessoas, não a realidades objetivas, mas à interpretação atribuída a elas. O limite de interpretações possíveis de símbolos é determinado pela experiência social partilhada. Estas interpretações produzem conceitos de status, papéis etc, que criam estruturas sociais. Este modelo focalizaria mais o significado atribuído aos vários papéis dentro da comunidade e as várias idéias dos diferentes papéis e status. Ele é muito empregado pela antropologia cultural. É aberto a uma concepção flexível da estrutura, capaz de integrar semelhanças e diferenças, valores permanentes e mudanças inovadoras. Esta plurifuncionalidade deve ser levada em conta quando se trata de descrever a estrutura de uma sociedade a partir de determinados símbolos.

que combinam elementos dos modelos de base em função das novas categorias operativas introduzidas pelos diversos autores. São o modelo centrado na *sociologia do conhecimento* (*conhecimento do "mundo social"*), *modelo centrado nos papéis e funções*, *modelo do "movimento milenarista"*, *modelo "local-translocal"*, *modelo de "relação assimétrica" do poder* e *modelos de inspiração marxista*⁵⁹.

Um modelo de leitura sociológica usado na América Latina e, mais particularmente no Brasil, é o da leitura bíblica na ótica dos pobres⁶⁰, que, embrionariamente, está na raiz da leitura conflitual da Bíblia. Principalmente, nas experiências pastorais das Comunidades Eclesiais de Base, nas pastorais Operárias, nas leituras do Centro Ecumênico Bíblico (CEBI), no Comentário Bíblico latino-americano, a leitura conflitual tem sido a base da hermenêutica latino-americana.

O modelo (teoria) conflitual, dentro da leitura sociológica, é o que nos interessa mais porque ele apresenta alguns recursos específicos em níveis hermenêutico e epistemológico.

Esta teoria (modelo), que é uma dimensão da sociologia, procura detectar o surgimento de classes sociais, o relacionamento global entre as pessoas ou grupos envolvidos num determinado modo de produção econômica e, a partir daí, analisa as contradições, tensões e conflitos que se manifestam diante das explorações de um grupo pelo outro. Procura ver, através do texto, o dinamismo da sociedade e da vida do povo que está por trás dele, e que nele transparece⁶¹. O texto é olhado dentro do conjunto do dinamismo da sociedade em todas as dimensões, na sua relação com a natureza, com o próximo e com Deus. O texto bíblico procura ser compreendido a partir das várias dimensões que constituem o dinamismo da vida social:

⁵⁹ MALINA, Bruce J. "The Social Sciences ..." todo o artigo. Confira ainda sobre os modelos aplicativos particulares, ALVAREZ-VERDES, L., "El Método Sociológico..." p. 18-27. Ele coloca os principais representantes em cada modelo: sociologia do conhecimento (W. Meeks), papéis e funções (G. Theissen), movimento milenarista (J. G. Gager), local-translocal (G. Snyder), relação assimétrica do poder (B. HoImberg), inspiração marxista (M. Machovec, K. Kautsky e F. Belo). Colocamos dentro desta relação assimétrica do poder um expoente pontual que é Richard A. Horsley.

⁶⁰ A leitura latino-americana, particularmente a brasileira não é, comumente, citada na bibliografia americana ou europeia. Ela foi muito divulgada entre nós na década de 80 (séc. XX) e experimentado por interessantes biblistas latino-americanos, particularmente, brasileiros. Sua compreensão popular foi bem absorvida, notadamente, em alguns grupos populares como as comunidades eclesiais de base (CEBs) de Igrejas mais comprometidas com os explorados e excluídos, com o CEBI, com as pastorais rurais e operárias (é de se reconhecer a bela assessoria de G. Gorgulho à pastoral operária com "a leitura pelos quatro lados"). Entre os biblistas brasileiros, localizadamente, os do "Comentário Bíblico", a leitura da Bíblia foi exercitada por muitos, em torno deste modelo. A orientação do "Comentário" foi elaborada por Comblin. Veja: Comblin, J. *Introdução Geral ao Comentário Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 1985. Porém, no momento, há um acentuado recuo. Veja também: SILVA, Airton José da. "A Leitura sociológica da Bíblia". In *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 32, 1991, p. 74-84. Entre os comentaristas um que procurou fazer a leitura por este modelo foi: FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*. Petrópolis: Vozes, 1992; FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas: a Epístola da Abertura de Fronteiras*. S Paulo: Loyola, 2005. Veja também um número especial onde todos os artigos procuraram utilizar a leitura sociológica: AA.VV. "Sociologia das Comunidades Paulinas". In *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 25, 1990.

⁶¹ GORGULHO, G. e ANDERSON, A. F. "A Leitura Sociológica da Bíblia". In *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 2, 1987, p. 6-10.

econômico, social, político, cultural, militar, jurídico, ideológico e, aí dentro, o religioso⁶². Este modelo ajuda o leitor a perceber que a conformidade de fé apresentada na Bíblia é integrada por pessoas que enfrentam o desafio de se organizar em comunidade social e política, no contexto histórico da respectiva época, ao mesmo tempo em que elas procuram ficar fiéis às percepções religiosas reveladas por Deus. Ensina-nos a ler a Bíblia com os pés no chão. É um modelo que ajuda fortemente a leitura popular da Bíblia porque ensina a ler a realidade numa perspectiva de construção dinâmica⁶³. Neste modelo a dialética dos conflitos se manifesta com evidência, porque a assimetria é colocada às claras.

Este modelo olha a sociedade não tanto como unidade estrutural estável mas como estrutura em tensão. A sociedade está, na realidade, composta por uma pluralidade de grupos, cada um dos quais tende a conseguir seus próprios objetivos, protegendo os interesses específicos de seus membros. Neste contexto se deve falar, por um lado, de tensão, resistência, conflito e de outro, de busca de consenso e colaboração (parceria). A solidez de uma sociedade não deve medir-se, pois, somente pela validade das normas de caráter universal, mas também e, sobretudo, pela sua capacidade para dar resposta às exigências particulares de cada grupo⁶⁴.

Para este modelo, a "mudança" é um elemento regular da vida social, produzindo constantes níveis de coação social, de maneira que conflito, reação à coação, melhor que consenso ou equilíbrio é a cola da vida social e a causa da mudança⁶⁵.

O modelo conflitual parte de uma visão dinâmica da sociedade. Ao contemplar os interesses das pessoas e dos grupos este modelo leva a reconhecer a mudança e o conflito como fatores permanentes da sociedade⁶⁶.

Como estamos vendo, toda sociedade de classes tem uma estrutura assimétrica e é aí que se situa a dinâmica conflitiva. Isso é evidente porque o que caracteriza a sociedade de classes é, justamente, o poder desigual. Essa desigualdade está imersa nos diversos setores da divisão do trabalho explicitando as diferenças sobre os meios de produção, a distribuição da força de trabalho e a distribuição dos produtos finais. Os conflitos são a expressão do poder desigual dos vários setores da divisão do trabalho. Ora, as relações existentes entre esses setores são relações conflitivas entre as forças desiguais em luta pela direção da sociedade: de um lado, os que controlam o poder, tentando consolidá-lo; de outro, os subjugados, resistindo ao controle de vários modos, mas também, procurando o seu espaço em busca do poder (ou a linha reformista, quase sempre funcionalista, ou a busca transformadora que está na perspectiva da leitura conflitual).

⁶² GORGULHO, G. e ANDERSON, Ana F. "A Leitura...", p. 25.

⁶³ KONINGS, Johan. "A Leitura da Bíblia". In *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, n. 32, 1992, p. 70-71.

⁶⁴ ALVAREZ-VERDES, L. "El Método Sociológico...", p. 16.

⁶⁵ OSIEK, Carolyn. "The New Handmaid...", p. 272

⁶⁶ ALVAREZ-VERDES, L. "El Método Sociológico...", p. 16-17.

1.4.2 - A leitura conflitual e a questão hermenêutica

Leitor e o texto: sempre que se aborda a questão da interpretação da Bíblia, precisa-se definir ou explicar alguma coisa para se mostrar a postura de quem a interpretará. Referimo-nos ao problema da distância entre o leitor e o texto. Não existe o texto original. Aí entra a questão famosa do “sentido literal” da Bíblia. Este é um limite que todo hermeneuta terá que enfrentar. O sentido literal não é “encontrado” plenamente. Por isso, o intérprete fará o esforço de se aproximar, o mais que puder, tendo consciência que nunca absorverá a totalidade do sentido.

Vários sistemas de interpretação: outra coisa importante é de que o hermeneuta tem que ter consciência de que existiram e existem vários sistemas de interpretação, porém, nenhum se apropriou “totalmente” do sentido da Bíblia. De fato, conforme a situação histórica ou a época privilegia-se um modo de interpretação⁶⁷. Os princípios da hermenêutica bíblica vêm das situações e necessidades onde se encontram e vivem os cristãos e suas comunidades e, naturalmente, os hermeneutas que convivem com elas. Os princípios não são inventados pelos intérpretes.

É mister, também, lembrar que nós que fizemos a opção pela leitura sociológica pelo modelo conflitual, antes de definirmos a nossa opção hermenêutica, precisamos clarear alguns tipos de interpretações que não fazem parte dos nossos princípios.

Fundamentalismo: é a leitura que lê a Bíblia interpretando-a literalmente em todos os seus detalhes. Referimo-nos ao fundamentalismo. Este sistema exclui todo esforço de compreensão que leve em conta seu crescimento histórico e seu desenvolvimento. Ele rejeita qualquer outro sistema e impede o diálogo com uma concepção mais ampla das relações entre a cultura e a fé, entre as ciências e a ciência bíblica. Esta visão não crítica pode levar a ideologias reacionárias em níveis políticos e sociais bem como confirmar preconceitos anti-evangélicos como o racismo, o machismo e o sectarismo religioso-cultural⁶⁸.

Leitura ingênua: esforçar-nos-emos para não fazermos uma leitura ingênua. De fato, embora tenhamos, tantas vezes, que usufruir o método histórico-crítico, não é por este que pontuaremos nossa hermenêutica. Entretanto, o aprofundamento e posições críticas são fundamentais para buscar a compreensão dos textos bíblicos.

⁶⁷ Comblin observa que nos cristianismos originários, os evangelistas tinham suas interpretações na compreensão do Antigo Testamento e, por vezes, não coincidiam na visão hermenêutica. Paulo, então, tinha um sistema bem próprio. Agostinho tinha seu modo de interpretar e, mais tarde, o grupo de Tomás de Aquino criou um outro modo. Lutero criou o seu. O fato é que hoje nós não usamos os seus modos de interpretação. Os métodos críticos do século XIX criados pelos liberais ajudaram muito, porém, não satisfazem totalmente nos dias de hoje. Veja em Comblin, J. *Introdução Geral ao Comentário Bíblico. Leitura da Bíblia na perspectiva dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 11-12.

⁶⁸ FERREIRA, Joel A. O Diálogo da Bíblia com as outras Ciências. *O Sagrado e as Construções de Mundo*. Goiânia: editora da UCG, 2004, p. 199-216.

Leitura “espiritualista”: também evitaremos a leitura “espiritual” no sentido do intimismo individualista. O leitor não encontrará aqui respostas bíblicas para seus problemas pessoais. A bíblia não é um livro de “piedade” isolada. Uma coisa é esse “espiritual”, outra é o “espiritual” que fala a linguagem do Espírito Santo, que cria uma mística comprometida com a comunidade. É o espiritual que se move no “Espírito” Vivo de Deus e se engaja no empenho transformador da sociedade oprimida. Este espiritual é vivo e comunitário. Por aí, podemos ir.

Concordismo: é preciso, ao mesmo tempo, evitar a tentação do “concordismo”. Nós, muitas vezes, temos a tendência de ler algum fato do passado, por exemplo, a luta de libertação dos Macabeus e, durante a reflexão, dizemos: “é igualzinho hoje”. Por conseguinte, as vitórias ou derrotas do tempo bíblico não são orientações para hoje, como os fatos de hoje nunca foram os dos tempos bíblicos.

Leitura funcionalista: a leitura evitará o sistema funcionalista, principalmente, quando buscar a compreensão do contexto histórico (no nosso caso, o império romano e/ou a situação vital da Palestina ou de comunidades helênicas). A interpretação funcionalista favorece a manutenção do status quo. Muitos comentários bíblicos que conhecemos foram escritos em perspectivas funcionalistas.

Bíblia e história: a Bíblia (hebraica e cristã) não é a ciência histórica, porém, é o documento de uma história: é a história de Israel que culmina na história de Jesus e nos cristianismos originários. Temos neste livro a interpretação da história humana. Além do texto escrito, temos o agir vivo de um povo. Aí mostra como Deus intervém na história humana e no mundo. Ele age. Os textos bíblicos foram expressão da experiência humana em comunhão com Deus. Enquanto os textos eram expressão, ao mesmo tempo, foram o alimento e o dinamismo de um determinado povo (hebreus/israelitas e, posteriormente, cristãos). Então, a história de Israel, de Jesus e seus seguidores, é uma práxis. A leitura conflitual, a que nos propomos fazer, ajudar-nos-á a entender a dialética desta história, particularmente, o Novo Testamento: aqui compreendemos o Jesus da Galiléia, Decápole, Samaria e Judéia; o Paulo do império greco-romano; os perseguidos do Apocalipse da Ásia Menor. A Bíblia fala para todas as gentes de qualquer época.

Nossas comunidades e a Bíblia: então, se dissemos que o hermeneuta parte das necessidades e situações concretas que os cristãos vivem e assumem, procuraremos, aqui, interpretar a vivência das comunidades cristãs populares que se envolvem num novo modo de ser igreja, num processo contínuo de libertação, a partir da comunidade. A Igreja dos pobres (católicas ou evangélicas) é o nosso referencial. Em que estas comunidades vivas se baseiam? Na Bíblia.

Para interpretá-la, dissemos que temos que ficar atentos para o risco do “concordismo” (“os fatos da Bíblia são iguaizinhos aos de hoje”). No entanto, existem algumas “analogias”

entre os contextos históricos da Bíblia e o nosso. Quer dizer, entre fatos diferentes e em épocas e contextos diferentes existem pontos de semelhanças.

Assimetrias na Bíblia e suspeição: aponto, como primeira analogia, que na Bíblia, do início ao fim, percebemos profundas assimetrias sociais e econômicas. Há, sempre, a denúncia ou a constatação de que um pequeno grupo explora outros. Em consequência, vemos, de um lado, os opressores e do outro, a maioria que pertence aos tantos e tantos grupos dos oprimidos. O hermenauta, ao ler algum texto bíblico ou alguma perícopes, precisa ficar atento. Muitas vezes, no passado, os intérpretes privilegiavam os fatos contados a partir da posição do narrador. Ora, na Bíblia, muitas vezes, o narrador narra um fato a partir da ótica de quem detém o poder ou pertence a uma estrutura dominadora. No Antigo Testamento tinha muito disso. Narrativas eram contadas pelos grupos ligados ao domínio de Jerusalém. A leitura sociológica crítica da Bíblia, pelo modelo conflitual, ajuda a (re)-construir memórias dos que estavam na base da pirâmide econômico-social (pobres) ou mais abaixo ainda (escravos) que foram supressos por vozes ideológicas responsáveis pela manipulação e reestruturação das narrativas. Então, o leitor ou leitora do texto bíblico precisa ficar de sobreaviso e perguntar se a narrativa está sendo favorável a uma classe ou a uma ideologia dominante: é uma atitude de “desconfiança”, de “suspeita”⁶⁹. A abordagem sócioanalítica ajuda a “des-construir” um texto, uma perícopes etc. Ajuda a resgatar as pessoas, os grupos sociais que manipularam e intervieram ideologicamente a serviço de um sistema dominador. A partir da (des)construção, é possível criar um processo de (re)construção histórica dos papéis e relações sociais que estão por trás dos relatos e narrativas.

O lugar social das pessoas e grupos no Novo Testamento: a leitura sociológica pelo modelo conflitual ajuda-nos a olhar, além da situação vital em que o texto foi escrito, o “lugar social” de toda a narrativa. A leitura conflitual do Novo Testamento tem como fundamento epistemológico a afirmação de que a “sociologia crítica” é um excelente instrumento de crítica das tradições e da ordem estabelecida. Ela busca encontrar o “lugar social” dos textos bíblicos, ouvindo a voz dos oprimidos e denunciando a voz dos dominadores.

Isso é muito importante porque vão sendo explicitados os grupos e os personagens da “margem”. São aqueles que vivem na periferia, os que quase não têm espaço. A pessoa que está interpretando a leitura, com a atitude de suspeição, percebe que pessoas ou grupos tidos como

⁶⁹ Quando atrás falávamos sobre a importância da “corrente socialista” para a leitura conflitual, abordamos a contribuição da “vocalização crítica” para a intelectualização do socialismo. É este espírito crítico que tem ajudado também os hermenautas da Bíblia para a leitura “por trás das palavras” e por trás dos acontecimentos narrados por pessoas ligadas a alguma situação de poder. Aí se descobrem pessoas da periferia, grupos da margem que são frutos do ambiente social de exclusão.

insignificantes, se se olhar com outros olhos, passam a ter uma significação vital. O “lugar social” dos esquecidos se torna um espaço primordial⁷⁰.

Opção de Deus pelos pequenos e pelos pobres: entretanto, apesar de muitos “redatores finais” estarem ligados a alguma instituição opressora, a Bíblia vai apresentando Deus tomando partido dos pequenos. Esta analogia é muito significativa para compreendermos as situações bíblicas e as nossas hoje. Os Salmos são, como exemplo, poemas que mostram sempre três personagens: o justo (oprimido), o injusto (tem vários nomes para denominar o opressor) e Deus. Este está sempre com os humilhados. Nos Evangelhos vemos o grupo dos chefes de Israel (saduceus, doutores etc) em contínua exploração dos pobres. Jesus fica com estes. As denúncias às grandes potências são descritas, volta e meia. Por exemplo, nos simbolismos de Daniel e do Apocalipse. Nas contradições, a ação de Deus se manifesta para levantar os humildes e derrubar os poderosos (Lc 1,46-55).

Os preferidos de Deus na Bíblia são os pobres. O hermeneuta precisa, a partir dessa leitura sociológica pelo modelo conflitual, debruçar-se sobre o “lugar social” dos que estão à margem na literatura bíblica. A história da formação do povo de Israel inicia-se com a inclinação e ação de Yahweh para os explorados da grande nação da época, o Egito. Esta ação para os pequeninos continuará em toda a história do povo de Israel, mormente nos momentos em que também, nesta nação, surgirem os exploradores. Yahweh continuará a ser o Deus dos pobres. Nos Evangelhos Jesus continuará na mesma linha (Mt 11,25-30). Esta é a grande novidade até hoje e sempre: o Deus dos cristãos faz sua opção preferencial pelos pobres.

Os apelos da Bíblia e sua atualização: não podemos perder de vista hoje esta ótica (a preferência pelos pobres) apresentada pela Bíblia. Para entendermos a analogia, precisamos ver que ela está presente também nas assimetrias e contradições contemporâneas. Por isso, a compreensão da história humana, por parte da Bíblia, é fundamental. Ela nos apresenta o Deus Vivo intervindo e agindo na história. Nesta ação de Deus, um determinado povo, com altos e baixos, se moveu.

A Bíblia é viva. Ela provoca novos efeitos históricos. Ela foi elaborada para indagar, questionar e influenciar a todas as nações. Por isso, ela é uma proposta viva do agir social. É um apelo a todas as gentes. Ela faz uma chamada de conversão e compromisso na perspectiva da transformação social. Suas propostas são vivas e indagadoras. Ela provoca a história na perspectiva de questionar o destino dos povos, de provocar condutas comunitárias baseadas na

⁷⁰ Um dado interessante é, por exemplo, uma perícopes que iremos estudar adiante: Mc 7, 24-30 sobre a mulher siro-fenícia. Este texto sempre valorizou a idéia da salvação universal. Correto. Porém, nunca se davam importância à figura de alguém excluída de todos os modos: u’a mulher, além disso, estrangeira e, mais ainda, pobre. A leitura, com espírito crítico, com o cabedal da suspeição, pode olhar o outro lado e perceber que é, talvez, nas narrativas do Novo Testamento, um dos poucos lugares onde a mulher, representando os marginalizados da época, sai vitoriosa porque a fé era muito grande.

justiça. Então, os textos bíblicos de ontem são atualizados no hoje, uma vez que se compreende a ação do povo, como sujeito da história, organizado em comunidade.

Entre as nações e gentes, quem tem entendido, a partir da Bíblia, a força da ação comunitária são os cristãos dos continentes pobres. De um modo especial, os cristãos pobres de comunidades populares. Têm compreendido a força histórica da Bíblia e, por isso, a sua especificidade social. De fato, tem havido uma aproximação interessante entre os pobres (operários/as, camponeses/as, mulheres pobres, negros/as, indígenas) e a Bíblia. Com analogias que não podem ser desprezadas, estes grupos, a partir do seu “lugar social”, conseguem enxergar os da “margem” na Bíblia. Os que estão na periferia vêem os que estavam na periferia bíblica. A “teoria crítica” que leva à “suspeição”, é apreendida, na leitura bíblica comunitária, pelas pessoas da margem porque entres estas e a Bíblia há uma comunicação privilegiada: o lugar social e a fé as aproxima.

1.4.3 – Teoria Conflitual: é preciso recordar. As ciências sociais se fundamentam em duas colunas fundamentais: a teoria e o método.

A “teoria”, em sociologia, é o instrumento de entendimento da realidade dentro da qual se enunciam as leis gerais, os conceitos e as explicações, isto é, o porquê dos fenômenos sociais e a finalidade desses mesmos, a fim de se poder interpretá-los. A teoria sociológica não se confunde com a doutrina social. Como fizemos uma opção pela teoria (modelo) conflitual, procuraremos sempre especificar os fatores que condicionam a estabilidade (império romano, civilização grega, instituições judaico-israelitas que detinham o poder etc) ou sua mudança (grupos, comunidades e/ou pessoas que aparecem como explorados, despossuídos, conformados ou não) para detectar as relações que mantinham entre si. Diante disso, definimos que o objeto da nossa busca se concentra na delimitação de alguns textos significativos do Novo Testamento que espelham as tensões e os conflitos do I século do cristianismo. No desenvolvimento da teoria sociológica procuraremos perceber as seguintes generalizações: afirmações de que as mudanças que determinadas instituições experimentam estão regularmente associadas às mudanças que ocorrem em outras instituições. Tentaremos, em nível do conceito, buscar a classificação das sociedades, dos grupos, comunidades, pessoas e das relações sociais para podermos compreender e interpretar as relações sociais e seus significados.

1.4.4 – Método: quanto aos “Métodos Sociológicos”, lembremos que estes representam uma opção estratégica e não se confundem com os objetivos de investigação. Por conseguinte, usufruiremos: a) do método histórico para entendermos os estudos dos acontecimentos, processos e instituições das civilizações do I século, para identificarmos e explicarmos a vida social daquela época; b) do método comparativo para fazermos as correlações, comparações entre diversos tipos de grupos e fenômenos sociais para percebermos as diferenças e semelhanças; do método monográfico centralizando o estudo em casos

particulares: um grupo (por ex.: camponeses galileus), uma comunidade (por ex.: petrina), uma instituição (por ex.: grupo de Tiago e Jerusalém) ou um indivíduo (por ex.: mulher cananéia). Muitas vezes, um dos objetos de estudo representará vários outros para que seja possível estabelecer generalizações.

1.4.4.1 – Técnicas Sociológicas: Quanto às “técnicas sociológicas”, é importante lembrar que estas não se confundem com os “métodos sociológicos”. O método é uma concepção intelectual que coordena um conjunto de técnicas. Estas são etapas práticas ligadas a elementos concretos. Dentre as técnicas, usaremos, nos textos investigados, as “experiências de grupos” que são relatadas nas narrativas, bem como “historias da vida” que refletem as situações vitais daquele tempo.

A leitura sociológica da Bíblia, pelo modelo conflitual, define o *texto* que se vai trabalhar. É preciso escolher, ler, reler para praticar a teoria e o método. Lembremos que esta leitura precisa, muitas vezes, como riqueza, do método histórico-crítico. Dentro do *texto*, ela vai descobrir o dinamismo (se houver conformismo é preciso detectá-lo) da vida daquela gente dentro da sociedade. Esta leitura pode ser feita com qualquer livro da Bíblia. Pode ser feita também com capítulos e, até dentro destes, com as perícopes que os compõem.

É preciso, diante de qualquer texto, esforçar para des-codificá-lo (os símbolos, as imagens, as categorias), e, às vezes, des-construí-lo, olhando o processo dinâmico da vida daquela gente que aí aparece. Aí se re-codifica e re-constrói. Lembremos: nesse processo se manifestam os “conflitos” na leitura. Façamos algumas perguntas:

O que aparece ou transparece no texto? Tem tensões? Quais?

O texto deixa transparecer qual era a vida *econômica* daquele momento? Existe algum “meio de produção” explícito no texto? Qual é o “modo de produção” da sociedade do tempo deste texto?

Aparece aí a dinâmica da *política* da época? Quem governa e para quem? O contexto político reflete uma situação provinciana ou de algum grande império?

Quais as contradições *sociais* que são evidentes no texto? É preciso procurar ver, através do texto, o dinamismo da sociedade e da vida do povo que está por trás dele, e que nele transparece. É necessário aqui olhar a sociedade não tanto como unidade estrutural estável, mas como estrutura em tensão. A sociedade está, na realidade, composta por uma pluralidade de grupos, cada um dos quais tende a conseguir seus próprios objetivos, protegendo os interesses específicos de seus membros. Então, é importante procurar personagens e pessoas que representam grupos. Aí se detecta o “lugar social” das pessoas e dos grupos. Na leitura conflitual o grupo social passou a ser concebido como um equilíbrio de forças e não mais como relação harmônica entre órgãos, como na leitura funcionalista. Aliás, que grupos existem e de que lados estão? Existem conflitos e defesa de

grupos na organização de formas mais complexas de vida social? Lembremos que os conflitos refletem as lutas dos grupos ou de pessoas. Por isso, é preciso detectar o surgimento de classes sociais, o relacionamento global entre as pessoas ou grupos envolvidos num determinado “modo de produção” econômica e, a partir daí, analisar as contradições, tensões e conflitos que se manifestam diante das explorações de um grupo pelo outro.

Há algum dado que deixa perceber qual era a *cultura* da época? É possível ouvir a voz dos dominados neste texto. O que eles têm a dizer? Há alguma crítica à tradição ou a alguma instituição opressora?

O texto deixa claro se há alguma repressão (*militar, policial, machista (patriarcal), jurídica, religiosa*)?

Quais as forças *ideológicas* que se manifestam no texto? Quais interesses são defendidos e com que ardor? Existe, veladamente ou não, alguma propaganda a serviço de alguém ou de algum governante? Alguma pessoa, governante ou estrutura é absolutizada (divinizada)?

Como é a compreensão da Palavra de Deus diante do *movimento econômico, social, jurídico, político, cultural, ideológico ou religioso* que dinamiza o texto? Como a experiência de vida *comunitária* e de *fé* é descrita neste texto? Como que, no meio deste dinamismo, as comunidades conseguiam enxergar o Deus da Vida que trazia algo novo para elas? Como que, no meio das contradições, as comunidades tinham força para apresentar o projeto do Deus Vivo?

Amarrando os conflitos: Qual é o conflito central no texto?

Quais os conflitos secundários?

De que lado Deus está?

Em cada texto vemos algo da vida do povo, as contradições da sociedade, as resistências e lutas, o crescimento ou a derrocada, opressões ou libertações, momentos que fazem rir ou chorar. Recordemos: essa leitura olha a sociedade como estrutura em tensão.